

4. Percurso de Tradução de Literatura Infantojuvenil de Ondjaki do português de Angola para a língua francesa

4. 1. Procedimentos metodológicos adotados

O *corpus* selecionado, que será traduzido do português de Angola como língua de partida para a língua francesa, envolve uma reflexão que inclui a descodificação e a interpretação linguísticas de superfície, bem como a interpretação cultural cuidada da sua textualidade profunda. Na senda destes processos, múltiplas dificuldades de reescrita ocorrem na língua de chegada, nomeadamente as de ordem lexical, discursiva e cultural.

De reiterar, além disso, que no par de línguas focado o processo de transferência linguística e cultural é, por vezes, dificultado por uma certa formalidade atestada na língua de acolhimento. Esta é considerada, por alguns estudiosos, menos permeável, sobretudo quando confrontada com a língua que denominamos na nossa investigação de afro-portuguesa. No encontro literário de tradutores (Arles, 1994), Michelle Giudicelli salienta o desafio dessa diferença:

Michel Laban a dit quelque chose qui est fondamental comme Claire Cayron l'a fait remarquer, comme nous le savons tous, nous qui connaissons le portugais et qui nous battons avec cette langue qui est extrêmement souple; c'est l'une des difficultés que l'on rencontre lorsqu'on doit la rendre en français parce que le français est effectivement beaucoup plus rigide, mais cette diversité fait aussi son charme. (Giudicelli, 1995: 49)

No cotejo linguístico da reescrita, as narrativas ondjakianas requerem, por um lado, o esclarecimento de entradas lexicais referentes a hábitos do quotidiano, fauna e flora, clima e estados de alma, bem como a níveis de linguagem, estatutos

sociais e modos de vida em Angola. Por outro lado, no que à tessitura textual profunda diz respeito, é necessário fazer um reconhecimento circunstanciado das estruturas marcadas da palavra africana e da linguagem oralizada.

O desempenho do tradutor, desdobrado em três competências distintas, colabora na resolução de dificuldades de reescrita: leitura, interpretação e, *a posteriori*, (muitas vezes em simultâneo) tradução. Cabe à leitora a função de revogar a opacidade de entradas lexicais nativas, sendo que à intérprete caberá a função de entender as estruturas morfossintáticas de uma língua portuguesa africanizada por interferências de línguas autóctones angolanas. Nesse labor de tradução, são testados múltiplos processos de transferência linguística e cultural, contextual e metafórica, sendo particularmente delicada a recriação hermenêutica dos discursos da oratura e dos discursos urbanos oralizados. Essa recriação é criativa e ponderada, avaliando-se os princípios linguísticos e culturais endógenos, como transferíveis ou não, na língua de chegada, à luz dos diferendos entre as duas línguas.

Sobre os modos de ler, tendo em vista a tradução, refira-se que a leitura de superfície e a leitura profunda dos contos e da novela infantojuvenil de Ondjaki originam um percurso tripartido que inclui uma primeira leitura de prazer, outra de sinalização de dificuldades lexicais, estando a terceira leitura centrada nos pormenores da linguagem discursiva. Tais modos de ler ditam globalmente, por sua vez, três fases na reescrita.

Na primeira fase, é produzida uma versão da obra em língua francesa próxima da literalidade sendo que, na segunda fase, se dá uma maior relevância à pesquisa lexical. Numa terceira fase, buscam-se as possíveis respostas para a

resolução de metáforas e o afinamento estético. Mencione-se ainda que este terceiro momento de reescrita se pauta por recorrentes revisões e que a faina tradutiva adota uma tendência oscilante, entre o aperfeiçoamento da mensagem literária, na língua de chegada, e o respeito pelas características idioletais do escritor. Mais próximas da literalidade do que da literariedade, as duas primeiras versões das obras apresentam-se como estruturas de base que possibilitam uma necessária recriação literária, esteticamente mais viável.

A primeira versão empreende um hipotético desbravamento da génese textual original, enquanto a segunda versão é concebida no sentido de validar a transferência da mensagem artística do texto, adequando-se também às expectativas do público de receção. Nesta segunda fase, são incessantes as leituras e as interpretações, realizadas de modo contrastivo do texto original para o texto em processo de reescrita. Esta é a fase designada de “mise en forme” por Claire Cayron - tradutora de Miguel Torga e de outros autores de língua portuguesa - na obra *Sésame pour la Traduction* (Cayron, 1987: 142).

Na realização da segunda versão, além da persecução comparativa, decorre igualmente a pesquisa terminológica e cultural, realizada através de consultas em enciclopédias, dicionários e via internet; uma pesquisa da qual pode resultar, entre outras iniciativas, a organização de notas explicativas em rodapé e a estruturação das mesmas em glossário. É de sublinhar que, neste procedimento, referências culturais marcadas podem ser igualmente clarificadas através de contactos e de intercâmbios com angolanos em Portugal e em Angola, o que nos permite desfazer dúvidas e solucionar hesitações. Foi-nos também útil a consulta do glossário que consta da obra de Agualusa, traduzida por Laban, e intitulada *La*

Saison des Fous, onde se encontram definidos alguns vocábulos das línguas de Angola (Aqualusa, 2003: 252).

Numa relação equiponderada entre fidelidade ao idioleto do escritor e tradução, a qual, normalmente, é reveladora da qualidade literária das obras traduzidas, tentamos alcançar num segundo momento o objetivo de firmar um ato de plena comunicação entre obras e público leitor. Em simultâneo, investe-se na tentativa de preservar e explicar as marcas de identidade próprias dos textos ondjakianos. Nesta fase, como atrás se referiu, as leituras decorrem fundamentalmente do texto original para o texto traduzido.

No terceiro momento, o vai-e-vem da nossa leitura acompanha-se da reescrita da obra centrada na meticolosa sondagem do pormenor e no apuramento da mensagem estética, sobretudo com o intuito de burilar convenientemente a linguagem literária, bem como a linguagem transmissora de saberes, particularmente em discursos reveladores da palavra africana. A leitura e a revisão da leitura operam-se num movimento inverso - porém não unicamente - ao do segundo momento, ou seja, dos textos traduzidos para os originais, tendo por finalidade a revisão aprimorada das particularidades idioletais.

Nesta última fase, é dada uma especial atenção à textualização das metáforas e da palavra oral africana na língua de chegada, palavra essa que é interpretada não somente através de leituras, mas também por nós apreendida mercê a memória de vivências em diversos países africanos. O deciframento de metáforas e a compreensão da linguagem ondjakiana, frequentemente oralizada, são alvos merecedores de uma particular reflexão.

No contexto originário da sua manifestação, ao sul do Saara, e na sua essência de comunicativa sabedoria, sobretudo em ambiências tradicionais, a palavra flui em manifestações verbais e não-verbais através de múltiplos códigos: Interjeições, gestos, posturas, ritmos de fala, pausas, subentendidos, silêncios e, claro está, a palavra em si mesma, proferida oralmente. Todos estes são os elementos que a integram e a “palavra africana”, enquanto denominador cultural comum da África subsaariana continental e insular. Nas suas vertentes rural e urbana, esta afigura-se como um sistema multifacetado de comunicação que se projeta nos modos de ser e de estar das populações desta vasta região.

Descendente de “griots”⁶⁹, Toumani Kouyaté, é de opinião que a oratura singulariza e une as culturas africanas, até face aos valores universais e a um fenómeno de mundialização da cultura que progride celeremente, também em toda a África. Ainda assim, e não obstante a constatação de tal progresso, para Kouyaté, a oratura, enquanto manifestação cultural, é aliciante e pode ser harmonizada com a escrita. É pois um fenómeno que se revela certamente como uma mais-valia de aprendizagem para o mundo e para a humanidade:

Quand on parle de mondialisation culturelle, on se tourne vers notre continent, parce que la puissance de son oralité est unique au monde, tout comme on regarde l'Europe sur le plan économique. En fait l'écriture a sa place dans ce concert des nations; mais ce n'est pas elle qui donnera de la valeur à l'oralité africaine. Néanmoins, le respect de l'oralité demeure dans l'écriture. (Kouyaté *apud* "Toumani Kouyaté, La Place de la Parole. Entretien avec Yvette Mbogo", s/d: s/p.)

⁶⁹ En Afrique noire, [le griot] a pour fonction de raconter des mythes, de chanter et ou de raconter des histoires du passé. (...) il maintient, par sa fonction sociale, "la littérature orale africaine" (Dictionnaire de Français – Larousse, s/d: s/p.)

A palavra africana, proferida oralmente, une-se à sabedoria e aos saberes de uma região, sendo poderosamente comunicativa e contrastando com a palavra na sua fixação puramente escrita. Nesse sentido, Kouyaté alude à existência de uma sábia oratura onde traços de união, enquanto denominadores culturais comuns, estão patentes nas culturas de toda a África subsaariana, continental e insular:

La (...) parole dans la société africaine est incontournable car c'est la seule chose qui réunit l'Afrique. On reproche à cette aire géographique de ne pas se relier à l'écriture, c'est faux. Le problème réside dans la transformation que l'écriture impose à ce continent. Or l'Afrique a sa place, mais dans une forme d'écriture qui lui est spécifique: la parole. Notre complexe d'infériorité nous fait croire que le meilleur vient de l'Occident au détriment de nos réalités. Nous devons juger par nous-mêmes de nos propres compétences et donner de la place à notre parole. (Kouyaté *apud* "Toumani Kouyaté, La Place de la Parole", s/d: s/p.)

Quanto a esse poder comunicativo, de notar por exemplo que, na ausência de verbalização e até no próprio silêncio, a “palavra africana” tece ditames que requerem, por parte de quem ouve, argúcia e sagacidade na interpretação. Da nossa observação vivencial, essencialmente em terras da Guiné-Bissau, destacamos alguns desses princípios:

- O princípio de tomada de palavra e o princípio de pausa – a palavra é tomada por quem está preparado para o fazer e as pausas são significativas e eloquentes;
- O princípio da economia da linguagem – o orador refere o essencial, ao dispensar o todo;

- O princípio da alusão - o orador estimula o ouvinte a descodificar a sua intenção, sendo que a intenção é um marcador bastante forte da palavra oral africana;
- O princípio da interjeição – esta possui um significativo poder de sugestão e expressa emoções diversas como admiração, prazer, desdém e surpresa.

Atendendo a tais princípios e ao ter em vista uma tradução, a averiguação da estrutura profunda da oratura tradicional, ou da sua manifestação numa linguagem oralizada de cariz mais urbano, requer uma leitura e uma interpretação prudentes. Requer ainda o domínio de conhecimentos, o mais possível, obtidos nos contextos que a inspiram. É fundamental, nas diversas fases de reescrita, fazer por manter nos textos traduzidos - até onde for exequível - as marcas dessa identidade e dessa poética, patentes nas obras originais.

Estes são os princípios metodológicos pelos quais nos regemos ao iniciar as nossas traduções. É nossa opção apresentar previamente a problematização de algumas dificuldades de reescrita das obras, num breve relato realizado obra a obra. As nossas propostas de tradução são integradas no presente estudo, tendo em conta a ordem da paginação geral. Todas as páginas traduzidas estão repaginadas, conforme a numeração da obra original, através de parêntesis retos colocados antes da paginação geral. A mancha textual da obra original é respeitada e exclui-se a apresentação das páginas sem texto.

No sentido de facultar uma consulta contrastiva, é disponibilizada em anexo uma duplicação das capas e dos textos das obras originais, sendo estas igualmente integradas e numeradas, seguindo a paginação geral do nosso estudo. Quanto ao modo de referenciar as obras, a original e a traduzida, a título de

exemplo, serão citadas respetivamente do seguinte modo (*Ynari a Menina das Cinco Tranças*): obra original (Ondjaki, 2004 a: 300) e versão traduzida (*Ynari*. Vd. Trad: 159). Opta-se assim pela apresentação das obras traduzidas no seu *continuum*, proporcionando o prazer de uma leitura não fragmentada mas sim integral, a qual permite validar uma apreciação estética harmonizada.

4. 2. *Ynari a Menina das Cinco Tranças*: algumas dificuldades de reescrita

A descodificação linguística da estrutura de superfície do conto infantil *Ynari a Menina das Cinco Tranças* envolve um percurso de pesquisa lexical que culmina na integração de notas explicativas em rodapé no texto traduzido, as quais são novamente agrupadas num glossário e alinhadas por ordem alfabética, no termo do mesmo. Tal glossário é composto por onze entradas lexicais: “ancien”, “cacimbo”, “catana”, “fuba”, “humbi-humbi”, “maboque”, “manioc”, “olongo”, “palanca noire géante”, “saudade” e “soba”.

Essas entradas, constantes no texto original, não foram traduzidas, com exceção feita para “mais-velho”, “mandioca” e “palanca negra gigante”, traduzidas por “ancien”, “manioc” e “palanca noire géante”, como estratégia de aproximação ao público de língua francesa. Numa vertente de aproximação, a palavra “soba” foi igualmente mantida e seguida de paráfrase: “Tu es le “soba”, le chef du village?” Quanto a esse animal que é a “palanca negra gigante”, é importante salientar o facto da sua espécie ser única no mundo, de estar em vias de extinção e de representar o símbolo maior de Angola, sendo atualmente bastante protegida pelo governo angolano. O vocábulo “mandioca” foi traduzido por “manioc”, termo equivalente em francês, e a expressão “mais-velho” nesta obra foi traduzida por

um substantivo francês, também equivalente, que adiante será problematizado e comentado.

Sublinhamos que o vocábulo “saudade” foi mantido na língua de origem no texto traduzido, sendo explicado em nota de rodapé e no glossário. Podem os leitores adultos e infantis estrangeiros partilhar com Ynari um modo de sentir que é comum, não somente a angolanos, mas a todos os que no mundo fazem uso da língua portuguesa, e que é designado por “saudade”. De facto, muito embora a “saudade” reflita uma experiência emocional de cariz universal, o substantivo é, como se sabe, de difícil tradução por ser inexistente, na forma de substantivo, em algumas línguas. Porém, não é somente o facto de não haver um equivalente linguístico da mesma classe de palavras que dificulta a sua tradução, mas também a inserção de valores culturais peculiares neste conceito. Assim, pelas razões apontadas, optamos por manter a palavra na sua língua de origem, definindo-a brevemente em nota de rodapé e explicando-a em pormenor, quando ordenada alfabeticamente, no glossário. Deste modo se desperta a curiosidade do público leitor: "pour moi, le mot, "adieu" a beaucoup du mot "rencontre" et un peu du mot "saudade"(Ynari. Vd. Trad: 188).

Os referentes culturais, ora traduzidos, ora mantidos na língua de origem, são devidamente explicados e tal estratégia tem por finalidade captar a atenção, atrair a curiosidade e facilitar a leitura dos recetores de língua francesa. Estes podem consultar as notas explicativas em rodapé, bem como o glossário no termo da narrativa, dispondo da facilidade de consultas práticas que lhes permitem ampliar e consolidar o seu universo de conhecimentos.

Inerentes aos princípios de comunicação verbal e não-verbal da palavra africana, aos quais aludimos anteriormente, são as intervenções de aparente simplicidade dos “mais-velhos” neste conto de Ondjaki. Tais elocuições são colocadas em relevo e valorizadas nas sábias palavras dos “velhos muito velhos” cujos discursos originam dificuldades na leitura e na interpretação, como também na reescrita. Tais discursos são reveladores da sabedoria de quem adquiriu o direito de tomar a palavra. A “velha muito velha que destrói palavras” por ser mulher, detém a função de destruir palavras inúteis e nocivas à humanidade. Detentora desse poder, é a primeira a expressar-se:

Cada pessoa sua magia; cada árvore sua raiz. O peixe só sabe nadar na água. O humbi-humbi preso, nas gaiolas, morre. Coisa de metal que sai metal e fumo, destruimos. Coisa de metal que vira semente e mata, destruimos. De noite, olhar e respeitar as estrelas. De dia, olhar e imitar os animais. Primeiro somos crianças, depois somos caçadores, depois temos crianças, depois ficamos a olhar as crianças. O cágado, sempre lento, é quem chega primeiro. Mais sabedoria tem a palanca negra gigante que só olha os homens de longe. Falei. (Ondjaki, 2004 a: 312 - 313)

Findo o discurso da “velha muito velha”, toma a palavra o “velho muito velho que inventa palavras”:

Cada rio suas águas; cada céu suas nuvens. Peixe dentro de água brinca, fora de água sofre. O humbi-humbi não conhece gaiola, só respeita nuvens. Coisa de metal que sai fumo, vira barro. Coisa de metal como semente, vira imbondeiro. De noite, as estrelas olhar e uma só escolher. De dia, os animais caçar, seja, o alimento. Primeiro somos crianças e coração bate. Depois somos caçados por nosso coração. Depois descobrimos a criança no coração. Depois a criança nos ensina outros caminhos do coração. O cágado também sabe perder. A palanca negra gigante também sabe fugir. Falei. (Ondjaki, 2004 a: 313)

A leitura dos discursos dos “velhos muito velhos” faz sobressair alguns dos dilemas experimentados pelo tradutor. Neste caso, uma reescrita realizada com excessiva preocupação de fidelidade para com o texto de origem resulta em textualização empobrecida e destituída dos seus significados essenciais. Por outro lado, uma tradução demasiado livre e simplista incorre no risco de extinguir o teor de sabedoria veiculado pela oratura. Pelo que, nem a primeira nem a segunda opção, adotadas de modo exclusivo, se podem ajustar à presente tipologia discursiva que requisita um adensado trabalho da linguagem, tendo em conta os valores culturais envolvidos e os ensinamentos. Sendo assim, as opções que a seguir se transcrevem são as mais adequadas aos discursos da “vieille très vieille qui détruit les mots” e do “vieux très vieux qui invente des mots”:

A chacun sa magie, à chaque arbre sa racine. Le poisson ne peut nager que dans l'eau. Prisonnier de la cage, l'oiseau "humbi-humbi" meurt. Objet devenu métal et fumée...Détruisons-le. Objet de métal meurtrier, devenu graine, tue... Détruisons-le... Détruisons-le... La nuit, regardons et respectons les étoiles. De jour, regardons et imitons les animaux. D'abord, nous sommes enfants, puis chasseurs, après nous avons des enfants et vient le temps de les observer. La lente tortue est toujours la première arrivée. Plus sage est la "palanca" noire géante qui ne regarde les hommes que de loin. J'ai parlé (*Ynari*. Vd. Trad: 171 - 172).

Chaque rivière a ses eaux; chaque ciel, ses nuages. Le poisson s'amuse dans l'eau mais, hors d'elle, il souffre. L'oiseau "humbi-humbi" est libre de la cage et ne respecte que le nuage. Objet de métal devenu fumée se transforme en argile. Objet de métal devenu graine se transforme en baobab. Le soir, les étoiles il faut contempler et une seule choisir. De jour, à peine pour notre survie, les animaux il faut chasser. D'abord, nous sommes des enfants et le cœur bat. Après, nous serons chassés par notre propre cœur. Puis nous découvrirons l'enfant dans notre cœur. Et l'enfant nous montrera d'autres

chemins du cœur. La lente tortue sait perdre aussi. La "palanca" noire géante sait aussi prendre la fuite. J'ai parlé (*Ynari*. Vd. Trad: 172).

A observação destes excertos sugere três níveis de recriação da palavra africana: um primeiro nível, o da autoridade de quem fala, um segundo nível simbólico que se reporta ao que se diz, bem como um terceiro nível que reflete a transmissão de conhecimentos iniciáticos dirigidos a quem ouve e deve escutar. A prosódia oratória e as metáforas são inteligíveis com referência a um sistema de pensamento e a princípios de comunicação verbal e não-verbal. Como ato de recriação artística, a reescrita literária detém o poder de elucidar a linguagem metafórica, bem como as omissões e os subentendidos.

Mencione-se ainda que, na terceira fase de reescrita, o vai-e-vem da leitura é acompanhado pela minuciosa busca do pormenor do texto traduzido para o original. As passagens descritivas do texto original, poeticamente sugestivas, foram mantidas próximas do idioleto ondjakiano. Veja-se o seguinte exemplo:

Os dois ficaram por um tempo calados, olhando o Sol que, do outro lado do rio, quase já tinha desaparecido. Assim, tão amarelada que estava a tarde, parecia que o Sol se ia afogar no rio e que os peixes, saltando, se queimavam nos seus raios avermelhados. (Ondjaki, 2004 a: 301)

Tous deux restèrent un temps silencieux, en regardant le Soleil qui, de l'autre côté du fleuve, avait presque disparu. L'après-midi prenait une couleur si jaune qu'il semblait que le Soleil allait se noyer dans la rivière et que les poissons se brûlaient dans ses rayons rougeâtres. (*Ynari*. Vd. Trad: 160)

Atente-se agora no excerto que a seguir se apresenta. Nele, consideramos ser relevante a manutenção da marca presencial de um narrador não participativo

- o contador da estória - sinalizado por um discurso de cariz indireto livre no texto original. No caso, o contador está presente e faz por manter elos de cumplicidade com o ouvinte e com o leitor, através de uma função fática marcada pelos parêntesis, o que pode sobressair no processo de leitura:

A avó, que se mexia devagarinho porque era muito velhinha (e que também estava a ficar pequenininha embora não tão pequenininha como o homem que já não lhe parecia tão pequenino), veio deitar-se ao pé dela. (Ondjaki, 2004 a: 304)

Lentement, car elle était bien âgée (et elle rapetissait aussi maintenant, mais bien sûr, elle ne serait pas aussi petite que l'homme qui ne lui semblait plus aussi petit), sa grand-mère vint se coucher près d'elle. (*Ynari*. Vd. Trad: 163)

De notar ainda que, de um ponto de vista global, foi tido em conta o formato gráfico da obra original, bem como a sua distribuição textual e paginação. A pontuação foi respeitada, até onde nos pareceu ser coerente, e foram mantidos os nomes próprios ou as designações com tal função. Alguns destes foram recriados como a designação “mais-velho”. Neste caso, optou-se pelo substantivo “ancien” (*Ynari*. Vd. Trad: 177), sendo a decisão ditada pelo bom senso e pela adequação ao contexto de chegada. Na língua francesa a expressão “plus vieux” possui um significado que se prende única e exclusivamente com a superlativação do adjetivo enquanto norma gramatical. Dado que não se assume o mesmo valor semântico na expressão do português de Angola, sobretudo em contexto tradicional, como é o caso, elege-se neste contexto, por tal razão, o vocábulo equivalente “ancien”, conhecido e usado em toda a África de língua francesa e reportando-se ao mesmo e exato estatuto.

4. 2. 1. Versão em língua francesa
- PROPOSTA DE TRADUÇÃO (integral) -

YNARI
La Petite Fille
aux
Cinq Tresses

Pour écrire une histoire comme celle-ci, j'ai dû presser un rêve comme on presse un fruit.

Or, il va sans dire qu'il n'est pas du tout facile de "presser" un rêve et que, pour cela, nous demandons souvent à nos amis de nous aider. A vrai dire, parfois, nos amis n'ont pas conscience de l'aide qu'ils nous apportent, cependant une phrase peut être décisive, une étreinte peut être adorable et un regard peut contenir (au moins) milles gouttes de rêve...

Il me faut ici, remercier certains enfants adultes qui, de temps en temps, me cèdent des gouttes de leurs rêves: Vergílio A. Vieira, Dada, Mário de Melo, Jacques dos Santos, Danuta et toutes les voix de ce monde et de l'autre, qui ne cessent de m'accompagner lorsque j'écris.

Ondjaki

[: 4]

A tous les enfants angolais

et aux enfants du monde entier

et à toi, Angola

[: 6]

Il était une fois une petite fille, coiffée de cinq jolies tresses, qui s'appelait Ynari. Elle aimait beaucoup se promener aux alentours de son village, regarder les champs, écouter les oiseaux et s'asseoir au bord de la rivière.

Une après-midi, le soleil se couchait déjà, Ynari entendit un bruit. Ce n'était pas les poissons sautillants dans l'eau, ce n'était pas la tortue qui parfois lui tenait compagnie, ce n'était pas non plus le petit oiseau vert. Des hautes broussailles, sortit un tout petit homme avec un large sourire. Et bien qu'il ne fut pas de la taille des hommes de son village, Ynari n'eut pas peur.

Le petit homme marchait et s'approcha lentement.

- Salut! – dit-il.

- Salut! - répondit Ynari, craignant de parler trop fort pour la taille de l'oreille du tout petit homme.

- Pardon, mais je ne connais pas ton nom...

- Moi non plus je ne sais pas mon nom... s'excusa le petit homme.

- Mais on m'appelle petit homme.

- Ah, c'est bien... - dit en souriant Ynari et en s'allongeant dans l'herbe pour pouvoir être plus près de lui.

- Moi, je n'ai qu'un nom, je veux dire un seul mot: je m'appelle Ynari.

[: 9]

- Ynari, c'est un très joli nom - le petit homme s'assit, paraissant ainsi encore plus petit.
- Je peux te poser une question, tout petit homme?
- Oui, bien sûr...
- D'où viens-tu?
- De mon village, près de la source de la rivière.
- Et, là-bas, dans ton village, tout le monde est aussi petit que toi?
- Oui, nous sommes tous plus petits que vous. Mais ça dépend parce que "petit" a plusieurs sens. Tu ne trouves pas?
- Je n'avais jamais pensé à ça. J'ai toujours imaginé qu'une chose plus petite était une chose petite...
- Ce n'est pas toujours comme ça... Tu connais le mot "cœur"?

[: 10]

- Oui, bien sûr! – Dit Ynari en souriant. – Et ce n'est pas seulement un mot, c'est ça, ce qui bat ici à l'intérieur - et elle montra sa poitrine là où battait son cœur.

- Exactement, et ... Le cœur, il est petit pour toi?

- Oui... et non! Il y a tellement de choses dans notre cœur: l'amour, nos amis, notre famille...

- Tu vois ! - dit l'homme plus petit qu'elle. - Parfois, une toute petite chose peut être si grande...

Tous deux restèrent un temps silencieux, regardant le Soleil qui, de l'autre côté de la rivière, avait presque disparu. L'après-midi était si jaune qu'il semblait que le Soleil allait se noyer dans la rivière et que les poissons se brûlaient dans ses rayons rougeâtres. Ils demeurèrent ainsi quelque temps, puis Ynari commença à s'amuser avec ses tresses: cinq jolies tresses, noires et longues. La petite fille avait d'énormes yeux qui brillaient beaucoup et de très jolies lèvres charnues.

- Et toi, d'où viens-tu? – demanda l'homme plus petit que Ynari.

- Moi, je viens de ce village, là-bas - la petite fille indiqua les paillotes lointaines. – J'habite avec ma mère, mon père, ma grand-mère et mon peuple.

- Et tes cheveux, qui te les tresse?

- Personne. Parce qu'elles ne se défont jamais... Ma grand-mère a dit que je suis née avec et qu'un jour je vais savoir pourquoi. J'aime beaucoup m'amuser avec mes tresses.

[: 11]

Ils se levèrent et marchèrent tous deux le long de la rivière. Maintenant, le petit homme qui était plus petit que Ynari ne paraissait plus être aussi petit et il n'était plus bizarre de marcher à ses côtés quoiqu'il fut beaucoup plus petit que la petite fille. De temps à autre, Ynari écartait les obstacles pour que le petit homme puisse marcher librement.

- Dis-moi, les animaux ils te font peur? demanda-t-elle.

- Non. Les bêtes ne font aucun mal... parce qu'elles ne sont pas méchantes... Tu sais, le mot "peur" peut avoir plusieurs sens.

- Mais, quand tu es près d'une "palanca" noire, tu as peur, oui ou non?

- Tu sais, Ynari, je n'ai jamais eu l'occasion d'être très près d'une "palanca" noire géante⁷⁰, mais je l'ai souvent aperçue. Et toi?

- Moi aussi, je ne la vois que de loin.

- Et est-ce que la palanca noire géante a couru vers toi? Elle t'a fait du mal?

- Non, jamais!

- Tu vois... Tu n'as pas besoin de prononcer du mot "peur".

- Tu as raison - dit Ynari, en donnant la main à l'homme simplement petit.

Il faisait déjà noir. Le ciel sans nuages était semé d'innombrables étoiles. Tous deux regardèrent le ciel qui était tout à la fois sombre et brillant.

- Regarde, que d'étoiles...

- Je vois - dit le l'homme simplement petit. [:12]

⁷⁰ La "palanca" noire est une antilope d'une espèce très rare, portant des cornes renversées vers l'arrière.

- On dirait qu'elles dansent! - Ynari était absolument ravie.
- Oui, c'est vrai... Le moment est peut-être venu de dire le mot "enchantement", tu ne trouves pas? - dit souriant l'homme simplement petit.
- Oui, oui... Mais, tu sais, je dois m'en aller.
- Si tu dois partir, il faut partir.
- Je peux te revoir demain? - demanda Ynari.
- Oui. Demain, je serai là au même endroit où nous nous sommes rencontrés aujourd'hui, au bord de la rivière, au lever du soleil.
- Et demain on pourra s'amuser avec d'autres mots?
- Bien sûr. On peut toujours jouer avec les mots...! – dit en souriant l'homme qui ne semblait plus aussi petit.
- Fais de beaux rêves, à demain- Ynari partit en courant.
- À demain. Fais de beaux rêves, toi aussi!

[:13]

Ynari rentra au village en courant et décida de ne raconter à personne qu'elle avait fait la rencontre d'un homme qui était tout petit mais qui, en fait, n'était pas si petit que ça. Les chasseurs étaient de retour et le peuple était réuni autour du feu, content de la chasse. Ainsi personne ne la gronderait pour son retard... Ynari n'aimait pas voir les "olongos"⁷¹ morts bien que sa grand-mère lui ait expliqué que les hommes du village ne chassaient que pour se nourrir. Déjà couchée, la petite fille aux cinq tresses sentit que sa grand-mère s'approchait. Lentement, car elle était bien âgée (et elle rapetissait aussi, mais, bien sûr, elle ne serait pas aussi petite que l'homme qui déjà ne semblait plus aussi petit), sa grand-mère vint se coucher près d'elle.

[:14]

⁷¹ Le "olongo" est une grande antilope africaine dont le mâle possède de grandes cornes en forme de spirale.

- Tu es triste à cause des "olongos"? - lui demanda sa grand-mère.
- Non... Aujourd'hui, mon cœur n'est pas triste. Aujourd'hui... - et Ynari fut presque sur le point de révéler son secret.
- Aujourd'hui... quoi...? - voulut savoir la grand-mère.
- Rien, mamie... Pour l'instant, je ne peux rien te raconter. Mais cette journée a été vraiment spéciale pour moi - dit Ynari. Elle embrassa sa grand-mère et s'endormit.

Le lendemain, de bonne heure, avant même le chant du coq, Ynari quitta son village et se dirigea vers la rivière. Elle s'assit et entendit des bruits dans les hautes broussailles. L'homme, qui à présent ne lui semblait plus aussi petit, apparut avec le même sourire aux lèvres. Elle se retourna et le salua:

- Bonjour, petit homme. Je suis contente de te revoir!
- Bonjour, petite fille aux cinq tresses. Mon cœur aussi s'est réjoui en te voyant.
- Tu sais, cette nuit j'ai fait un rêve.
- Tu veux bien me raconter ton rêve? - le petit homme s'assit.
- J'ai rêvé que, toi et moi, on était assis ici en face de la rivière. Et puis on parlait très loin, je crois que c'était vers ton village.
- Et après?
- Après, on bavardait avec beaucoup d'hommes. Et il y avait beaucoup de mots, des enfants, des images et je ne me souviens pas de tout.

[:15]

- il faut dire peut-être le mot "pagaille"... - dit en souriant l'homme beaucoup moins petit.

- Oui, d'accord - dit Ynari, la petite fille aux cinq tresses, en pouffant de rire.

- Hum, quelle pagaille...

Ils bavardèrent ainsi à propos des mots et de l'importance qu'ils ont dans la vie de chacun, comment, quand, avec qui ils les employaient et quels sens ils avaient dans leurs cœurs. Ynari chercha à expliquer que certains mots avaient plusieurs sens, ou qu'ils provoquaient plus d'une seule joie ou d'une seule tristesse. La petite fille dit qu'il était difficile d'expliquer aux enfants de son âge son goût pour les mots et ce qu'ils pouvaient produire entre deux personnes.

- J'ai toujours aimé les mots et même ceux que je ne connais pas encore, tu sais? Il y a des mots qui sont dans notre cœur et qui ne sont jamais sortis de notre bouche... Tu n'a jamais senti ça? – demanda finalement Ynari après tant et tant de mots prononcés.

L'homme plus ou moins petit écouta attentivement. Il s'apprêtait à parler quand, de l'autre côté de la rivière, au sommet d'une montagne, un groupe d'hommes, armes au poing, commença à tirer sur un autre groupe d'hommes armé lui aussi.

[:16]

De ce côté de la rivière, Ynari et l'homme plus ou moins petit pouvaient tout voir: ces hommes ne s'aimaient pas et ils se servaient des armes, des balles et des vies pour montrer leur haine. Effrayée, Ynari ne bougea pas. L'homme plus ou moins petit ferma un petit peu les yeux comme on le fait pour mieux voir les choses qui se passent très loin. Puis, la fusillade cessa et quelques hommes se dirigèrent vers cette rive en courant. Ynari et l'homme plus ou moins petit se cachèrent et s'abaissèrent derrière les hautes broussailles sans faire de bruit. Ynari tremblait de peur et ses yeux montraient son angoisse. Elle serra très fort la main du petit homme qui lui dit tout bas:

- N'aie pas peur, Ynari...

Les hommes armés se couchèrent pour dormir. Le petit homme sortit des hautes broussailles et s'approcha d'eux. Il faisait des gestes très bizarres et disait tout bas certains mots. Soudain, les armes des hommes qui dormaient se transformèrent en armes d'argile. Ynari, tapie dans les hautes broussailles, l'épiait bouche bée: pour comble, c'était un petit homme qui était magique! L'homme petit et magique revint, prit la main de Ynari et ils se dirigèrent vers le Nord, longeant la rivière. Il semblait qu'ils n'avaient pas beaucoup marché mais la végétation était différente, les fleurs étaient plus jaunes et les arbres bien plus hauts.

[:18]

Après quoi, ils s'éloignèrent de la rivière et finalement s'arrêtèrent devant deux arbres tellement hauts que leurs sommets se touchaient.

- Pour ça, on peut utiliser les mots "portail d'arbres" - dit Ynari étonnée face à ce très grand et très beau "portail d'arbres".

- Oui- répondit le petit homme magique. - Tu as raison... Ce portail d'arbres est l'entrée de mon village!

- Ah, bon... - fit Ynari, toute curieuse.

Ils traversèrent le village.

Les broussailles qu'ils foulaient étaient vertes, rases et très agréables aux pieds car elles étaient toujours douces et humides. Regardant avec plus d'attention, Ynari vit qu'il y avait beaucoup de petits arbres et elle comprit que ces arbres étaient les maisons des petits hommes. C'étaient, comme elle l'avait pensé, "les petites maisons des petits hommes".

Beaucoup d'hommes et de femmes (tous petits) guettaient, de leurs petits arbres, la petite fille qui passait, main dans la main, avec le petit homme magique.

- Tu es le "soba" ⁷², le chef du village? – demanda Ynari.

- Non – dit le petit homme magique en souriant. – Dans ce village il n'y a pas de "soba".

[:19]

⁷² Le "soba" est le chef traditionnel au village en Angola.

Puis ils s'arrêtèrent face à un vieil arbre. Le petit homme qui était magique frotta du coude l'écorce de l'arbre et des petits pas se firent entendre à l'intérieur. Ynari se blottit derrière le petit homme magique.

- N'aie pas peur, Ynari. Je veux te présenter deux personnes très spéciales.

C'était un très vieux vieillard avec une longue barbe, si longue qu'elle touchait presque le sol. Il marchait à l'aide d'un bâton tordu, très tordu, qui lui servait, pour ainsi dire, de petite canne.

- Ynari: voilà le vieux très vieux qui invente les mots - dit le petit homme magique.

Le vieillard leva les yeux vers le beau visage de Ynari et sourit. Il frappa le sol de sa canne trois fois, ce qui était sa façon à lui de dire qu'il était content. Derrière lui, apparut une petite vieille très vieille, sauf qu'elle n'avait pas de barbe, mais une très longue tresse blanche.

- Ynari: voilà la très vieille dame qui détruit les mots - dit le petit homme magique.

[: 20]

Ensuite, Ynari fût présentée à d'autres petits hommes et des petites femmes. Tandis que l'on préparait une petite fête de bienvenue pour Ynari, le petit homme magique et elle s'éloignèrent un peu pour s'asseoir sur une grande pierre. De là, ils apercevaient tout le village des petits hommes.

- Tu es un magicien, petit homme! – s'exclama Ynari de surprise.

- Nous sommes tous magiciens, Ynari...

- Par magie, les armes se sont transformées en armes d'argile! – dit Ynari, de nouveau étonnée. - J'imagine maintenant quand ils voudront tirer! – et la petite fille aux cinq tresses se mit à rire.

- Ces armes-là ne sont plus bonnes à rien. Voilà, maintenant on peut prononcer le mot "inutile".

- C'est quoi "inutile"? - demanda Ynari.

- C'est le contraire de "utile", c'est à dire, ce qui n'est plus bon à rien.

- Hum... Dis-moi, alors... – Ynari fixa son regard sur le petit homme magique. - On est vraiment tous des magiciens?

- Oui, bien sûr. Mais, chacun d'entre nous doit découvrir sa magie.

- J'aimerais bien découvrir la mienne...

- C'est pour bientôt - dit le petit homme magique en se levant. – C'est pour bientôt, Ynari...

La fête était déjà prête.

Un groupe de petits hommes se mit à tambouriner sur de minuscules tam-tams, d'autres dansaient et beaucoup riaient

[: 21]

joyeusement. Tout le monde mangea et Ynari dut se servir plusieurs fois car la nourriture était toute petite et elle était affamée. Puis la musique cessa.

La petite fille aux cinq tresses remarqua que les gens du village s'écartaient pour laisser passer le vieux très vieux qui invente les mots et la vieille très vieille qui détruit les mots.

Ynari prit sa place et se mit à regarder autour d'elle.

Au milieu de ce petit monde, il y avait une énormealebasse qui, en fait, était bien petite où le vieux très vieux ainsi que la vieille très vieille jetaient des herbes, en disant certains mots que Ynari n'avait jamais entendus auparavant et qu'elle ne parvenait même pas à comprendre pour se les répéter.

Quelques petits hommes s'approchèrent de la vieille très vieille qui détruit les mots et, chacun d'entre eux, lui chuchota un mot à l'oreille. La vieille très vieille qui détruit les mots écouta tous les mots que les petits hommes avaient apportés dans le village et décida qu'elle en détruirait certains.

- Ce sont des mots qui ne sont plus bons à rien et qui doivent disparaître... - dit la vieille très vieille qui détruit les mots.

- Ce sont des mots "inutiles", c'est ça? - demanda Ynari tout bas.

- Oui - confirma le petit homme magique.

Ensuite, un autre groupe de petits hommes s'approcha de la ronde. Le vieux très vieux qui invente les mots jeta de nouvelles herbes dans l'énorme mais petitealebasse. Il articula aussi quelques

[: 22]

mots tous frais, mais que Ynari n'était pas capable de retenir. Les petits hommes posaient leurs mains sur l'énorme mais petitealebasse, buvaient un peu de liquide et s'approchaient du vieux très vieux qui invente les mots. Celui-ci leur disait un mot à l'oreille de chacun d'eux et ils quittaient le village des tous petits hommes pour n'être de retour qu'au prochain "cacimbo"⁷³. On invita le petit homme magique à prendre place au milieu de la ronde et il présenta Ynari, la petite fille aux cinq tresses. Puis, la vieille très vieille et le vieux très vieux prièrent Ynari de venir au centre. Elle avança embarrassée para tous les regards de ce petit monde.

- Maintenant c'est ton tour, Ynari! - dit le petit homme magique.

- Mon tour de savoir mon pouvoir magique? - demanda Ynari.

Le petit homme magique alla s'asseoir mais Ynari, la petite fille aux cinq tresses, resta près de l'énorme mais petitealebasse pour écouter la vieille très vieille et le vieux très vieux. Puis, la vieille très vieille qui détruit les mots parla ainsi:

- A chacun sa magie, à chaque arbre sa racine. Le poisson ne peut nager que dans l'eau. Prisonnier de la cage, l'oiseau "humbi-humbi" meurt. Objet de métal devenu métal et fumée... Détruisons-le... Objet de métal meurtrier, devenu graine, tue... Détruisons-le... Détruisons-le... La nuit, regardons et respectons les étoiles. De jour, regardons et imitons les animaux. D'abord, nous sommes

[: 23]

⁷³ Le "cacimbo" est une époque de saison sèche en Angola qui va de mai à septembre et correspond à l'hiver.

enfants, puis chasseurs, après nous avons des enfants et puis vient le temps de les observer. La lente tortue est toujours la première arrivée. Mais sage est la "palanca" noire géante qui ne regarde les hommes que de loin. J'ai parlé.

Parce qu'elle savait qu'elle devait écouter en silence les personnes plus âgées, Ynari ne bougeait pas, regardait le petit homme magique, puisqu'elle ne comprenait pas ces paroles. Alors, le vieux très vieux qui invente les mots parla ainsi:

- Chaque rivière a ses eaux; chaque ciel, ses nuages. Le poisson s'amuse dans l'eau mais, hors d'elle, il souffre. L'oiseau "humbi-humbi"⁷⁴ doit être libre de cage et ne respecte que le nuage. Objet de métal devenu fumée se transforme en argile. Objet de métal devenu graine se transforme en baobab. Le soir, les étoiles il faut contempler et une seule choisir. De jour, à peine pour notre survie, les animaux il faut chasser. D'abord, nous sommes des enfants et le cœur bat. Après, nous serons chassés par notre propre cœur. Puis nous découvrons l'enfant dans notre coeur. Et l'enfant nous montre d'autres chemins du cœur. La lente tortue sait perdre. La palanca noire géante sait prendre la fuite aussi. J'ai parlé.

Alors, ensemble les deux petits vieux jetèrent des herbes dans l'énorme mais petitealebasse. Ils regardèrent Ynari pendant un moment puis sourirent. Il semblait que les deux petits vieux très vieux parlaient d'une seule voix:

- Ynari, nous n'avons aucune magie à te donner. Tu dois découvrir toi-même ta magie. A chaque "cacimbo", à la saison sèche, nous nous réunissons ici pour détruire

[: 24]

⁷⁴ Oiseau migrant, de l'espèce de la cigogne, abondant à la saison des pluies en Angola.

des mots qui ne sont plus utiles et en inventer d'autres qui seront utiles à quelque chose. Nous voyons l'ombre de ta magie, mais c'est à toi de découvrir ton pouvoir. Aujourd'hui, nous allons te donner un mot et une formule magique.

Ynari souria, satisfaite, car elle sentit que tous ces mots-là lui étaient très "utiles".

- Prends le mot "échange" – lui dirent-ils.

- Oui. Et la formule? - demanda Ynari.

- La formule est dans ton cœur.

Lors des adieux, en sortant du village des tous petits hommes, Ynari n'était pas du tout triste, mais très contente. Le petit homme magique l'accompagnait et ils arrivèrent rapidement près de la rivière.

[: 25]

- Je dois partir. Je peux te revoir demain?

- Oui, absolument. Demain, ici même.

- Fais de beaux rêves.

- Fais de beaux aussi, petite fille aux cinq tresses.

Tu sais...? - fit Ynari.

- Quoi donc?

- Mes rêves m'aident à vivre. Je crois qu'ils vont m'aider aussi à découvrir ma magie...

Ynari s'élança vers son village.

C'était le deuxième jour après la chasse et personne ne la gronda pour son retard.

Elle se coucha et fit un rêve avec plein de mots nouveaux. Dans son rêve, un vieux très vieux qui connaissait le sens des mots lui expliqua ce que voulait dire le mot "échange". Elle posa beaucoup de questions au vieux très vieux et comprit, finalement, qu'un "échange" était un geste juste, par exemple, quelqu'un donne quelque chose et reçoit, à son tour, quelque chose qui peut ne pas être de la même taille ou de la même couleur ou encore qui peut ne pas avoir la même saveur... Mais Ynari comprit que lors d'un "échange" entre deux personnes, ou deux peuples, il est bon que tous soient contents du résultat de cet échange.

[: 26]

Le lendemain, la petite fille aux cinq tresses se réveilla très tôt et se dirigea vers la rivière. Les eaux étaient calmes. Ynari se dit que, peut-être, les poissons dormaient encore et qu'il se pourrait bien qu'ils soient en train de rêver. Des hautes broussailles surgit, de nouveau, le petit homme magique.

- Bonjour, petit homme magique – dit en souriant Ynari. – Je suis contente de te revoir!

- Bonjour, petite fille aux cinq tresses. Moi aussi je suis content de te revoir.

- Tu sais, cette nuit j'ai fait un autre rêve.

- Et tu veux bien me le raconter? - dit, en s'asseyant, le petit homme magique.

- D'abord, j'ai rêvé d'un vieux très vieux qui explique le sens des mots.

- Oui, je le connais...

- Il m'a expliqué le sens du mot "échange"...Je voulais aussi lui demander des choses à propos du mot "guerre". Je sais comment on utilise ce mot, mais... A quoi ça sert le mot "guerre"?

- Tu sais, Ynari, bien que je ne sois pas le vieux très vieux qui explique le sens des mots, je garde moi aussi

[: 27]

dans mon cœur le sens de quelques mots. Je pense que le mot "guerre" ne sert à rien!

- Et le mot "explosion"?

- Bon, le mot "explosion" devrait être utilisé que dans d'autres situations, jamais quand on parle de guerre.

- Dans quelles situations? - demanda Ynari en regardant la rivière parce que les poissons maintenant réveillés, sautaient déjà.

- On pense ensemble? - dit le petit homme magique.

- D'abord toi - demanda Ynari.

- Pour moi, le mot "explosion" devrait décrire que le choc des étoiles. Quand elles se heurtent, pour nous, sur Terre, c'est une chose très jolie dans le ciel...

- Ah, que c'est beau! - s'exclama Ynari. - Et une "explosion de joie" c'est possible ?

- Evidemment! - éclata de rire le petit homme magique.

- Et une "explosion de couleurs"?

- Oui, oui... tout à fait.

En silence, ils observèrent les poissons qui nageaient et les oiseaux qui volaient. A vrai dire, quand on observe les petites choses simples de la vie, on découvre que le monde est très, très beau.

Ynari, la petite fille aux cinq tresses, donna la main au tout petit homme magique et ils marchèrent le long de la rivière toujours vers le Sud.

- Je crois que j'ai découvert ma magie intérieure! - dit la petite fille.

- Tu peux venir avec moi dans cinq villages? [: 29]

- Oui, si tu veux...

- Viens. Viens avec moi pour voir ce que je vais faire. Après, tu retourneras dans ton village pour donner un message à la vieille très vieille qui détruit les mots.

- D'accord! - répondit le petit homme magique.

Ynari avait appris avec le petit homme magique qu'un endroit est tout près de nous quand on veut qu'il soit près de nous. Ils marchèrent longtemps mais sans sentir de fatigue et ainsi ils arrivèrent au premier village. Ynari frappa dans ses mains et le "soba" vint leur parler.

- Bonjour, ancien ⁷⁵ - salua Ynari. Mais l'ancien n'entendit rien parce qu'il était sourd. Ynari lui parla par gestes et il comprit.

- Bonjour, petite – dit par gestes l'ancien.

- Dis-moi une chose, ce village est en guerre?

- Oui, nous sommes en guerre contre un autre village.

- Et pourquoi?

- Et bien, parce que nous ne pouvons pas entendre le chant des oiseaux et eux si! Nous aussi nous voulons entendre les oiseaux, les chutes d'eau, les voix des autres hommes - dit l'ancien en gesticulant.

- J'ai compris, mais dis-moi...

- Quoi donc? -demanda l'ancien.

- Si je vous aide à entendre les oiseaux, vous arrêtez cette guerre?

[: 30]

⁷⁵ Un ancien en Angola et, de manière générale, en Afrique est un homme âgé et sage.

- Oui, puisque nous voulons seulement savoir utiliser le mot “entendre”...
- Très bien. Alors je te demande de réunir ton peuple, ce soir, d'allumer un feu, de trouver unealebasse et je vais vous apprendre le mot “entendre”.

Et ce fut ainsi.

On prépara la fête, on mit sur le feu une énormealebasse et tous les villageois furent invités. Après tout, n’y avait-il pas au village une petite fille, coiffée de cinq tresses, qui allait leur apprendre le sens du mot “entendre” ? Ynari demanda à tous les villageois d’apporter à la queue leu leu un peu d'eau de la rivière dans leurs mains et de la verser dans laalebasse. Le feu était déjà allumé et ils avaient tous mis un peu d'eau dans laalebasse quand Ynari prononça des mots puis elle dit le mot “échange”. Ensuite, à l'aide de la "catana"⁷⁶ de l'ancien elle coupa une de ses tresses et la jeta dans l'énormealebasse.

- Maintenant, allez tous dormir... – demanda Ynari.

Le lendemain, quand ils se réveillèrent, il y avait encore de la fumée sortant de l'énormealebasse et, perchés sur ses bords, chantaient beaucoup de petits oiseaux de toutes les couleurs. L'ancien du village se mit à danser joyeusement car il pouvait entendre le chant des oiseaux.

[: 31]

⁷⁶ "Catana": grand couteau.

Il voulut savoir où était la petite fille aux cinq tresses, mais elle avait déjà quitté le village et elle n'avait plus cinq tresses...

La petite fille aux quatre tresses marchait à côté du petit homme en direction du deuxième village, celui des hommes qui ne pouvaient pas parler. Dans ce village aussi on communiquait par gestes et elle comprit que ces personnes ne parlaient pas. Mais Ynari avait appris dans le village précédent beaucoup de gestes et elle n'éprouva pas de difficulté à comprendre.

Ainsi, par gestes elle commença à parler:

- Je m'appelle Ynari et je suis venue pour vous apprendre le sens du mot "parler"...
- Oui... - se lamenta par gestes l'ancien de ce village. - Nous n'arrivons pas à «parler» et à cause de cela nous sommes en guerre avec un autre village.
- Je vois. Mais, dis-moi une chose...
- Quoi donc? - demanda l'ancien.
- Si je vous apprends à parler, vous arrêterez cette guerre?
- Oui, nous voulons seulement arriver à parler...
- Très bien. Alors je te prie de réunir tout ton peuple, ce soir, d'allumer un feu et de trouver une calebasse. Je vais vous apprendre à "parler".
- J'ai compris, mais, dis-moi... - dit l'ancien en gesticulant.

[: 32]

- Quoi donc? - demanda Ynari.

- Pourquoi as-tu quatre tresses?

- Parce que je n'ai besoin que de quatre tresses pour partager le mot "paix" – dit en souriant la petite fille aux quatre tresses.

- Ah, bon? Alors, montre-nous.

- D'accord, ce soir... - dit Ynari, en clignant de l'œil au tout petit homme qui lui tenait la main.

Et ce fut ainsi.

Comme dans le premier village, tout le monde apporta dans le creux de la main un peu d'eau de la rivière. Puis, autour du feu, tous écoutèrent Ynari murmurant des mots étranges et le mot "échange". Ynari coupa sa quatrième tresse, la jeta dans l'énormealebasse et tout le monde alla dormir.

Le matin, l'ancien du village commença à crier, imitant les oiseaux et les coqs. Il était très content parce qu'il pouvait enfin "parler".

Cependant, la petite fille aux trois tresses et le petit homme se dirigeaient déjà vers un autre village: celui des hommes qui ne voyaient pas la rivière. Ceux-ci pouvaient "parler" et même "entendre", mais ils étaient en guerre car ils voulaient "voir". L'ancien du village expliqua à Ynari

[: 33]

qu'il était très difficile d'être en guerre sans rien voir et que, à cause de cela, il y avait toujours beaucoup de gens qui mourraient. Ynari lui expliqua que la guerre c'était cela, un aveuglement qui ne provoque que la mort.

- Mais, dis-moi une chose ...

- Quoi donc? - demanda l'ancien.

- Si je vous apprend à "voir", vous arrêterez cette guerre?

- Oui. Puisque nous ne voulons que "voir" ...

- Très bien. Alors je te prie de réunir ton peuple ce soir, d'allumer un feu et de trouver une calebasse. Je vais vous apprendre à "voir".

- J'ai compris, mais, dis-moi... - gesticula l'ancien.

- Quoi donc? - demanda Ynari.

- Pourquoi as-tu trois tresses?

- Parce que je n'ai besoin que de trois tresses pour partager le mot "paix" – dit la petite fille en souriant.

- Ah, bon!? Alors, montre-nous.

Une fois encore, le peuple se réunit, on alluma soigneusement un feu et Ynari murmura ces mots mystérieux, le mot "échange" et coupa sa troisième tresse. Puis tout le monde alla dormir.

Le lendemain très tôt, l'ancien se mit à crier car il avait été réveillé par les premiers

[: 34]

rayons de Soleil. Les villageois, joyeux, voulaient tout voir: la rivière, les animaux, la couleur des fleurs et du ciel. Ils n'avaient plus de motifs pour utiliser le mot "guerre".

Se dirigeant encore plus vers le Sud, la petite fille et le petit homme arrivèrent au village de ceux qui ne pouvaient pas sentir l'odeur des fleurs. L'ancien du village expliqua à Ynari qu'ils n'avaient jamais senti l'odeur des choses, des fruits, du poisson sec et du "fuba"⁷⁷. Et qu'ils étaient en guerre contre le village voisin pour découvrir le sens du mot "sentir".

- Mais, dis-moi, une chose...

- Quoi donc? - demanda l'ancien.

- Si je vous apprends "à sentir", vous arrêterez cette guerre?

- Oui. Puisque nous ne voulons que savoir sentir les odeurs...

- Très bien. Alors je te prie de réunir ton peuple ce soir, d'allumer un feu et de trouver unealebasse. Je vais vous apprendre le mot "sentir".

- J'ai compris, mais dis-moi... - voulut savoir l'ancien.

- Quoi donc? - demanda Ynari.

- Pourquoi as-tu deux tresses?

- Parce que je n'ai besoin que de deux tresses pour partager le mot "paix" – dit la petite fille en souriant.

[: 35]

⁷⁷ Le "fuba" est une farine de maïs ou de manioc.

- Ah, bon!? Alors, montre-nous.

Et une fois de plus: énormealebasse, feu, tous avec de l'eau dans les mains.

Ynari murmura les mots mystérieux, le mot "échange" et coupa une autre tresse.

Le lendemain, tous les villageois sentirent l'odeur des fleurs, beaucoup éternuèrent à cause de la poudre des ailes des papillons, d'autres s'amusèrent, allongés par terre parce qu'ils voulaient respirer l'odeur de l'herbe ou des petites fleurs.

Reprenant leur chemin, main dans la main, Ynari et le petit homme arrivèrent au cinquième village. Là, les villageois ne connaissaient pas la saveur des aliments. Ils mangeaient un peu de tout, mais ils ne savaient pas la différence entre le sucré et le salé, entre la mangue et le maboque⁷⁸ ou entre la canne à sucre et le poisson sec. Et pour cela ils étaient en guerre.

- Bonjour, ancien... - salua Ynari.

- Bonjour, petite fille d'une seule tresse - dit l'ancien.

- Dis-moi, je te prie. Ce village est en guerre?

- Oui, nous sommes en guerre contre un autre village.

- Et pourquoi?

- Parce que nous ignorons le sens du mot "saveur"! Et nous voulons, comme tout le monde, pouvoir apprécier la saveur des aliments - expliqua l'ancien.

- J'ai compris, mais, dis-moi une chose...

[: 36]

⁷⁸ Le "maboque" est un fruit acidulé de l'Angola et de toute l'Afrique Australe.

- Quoi donc? - demanda l'ancien.
- Si je vous apprends à sentir la “saveur” des aliments, vous arrêterez cette guerre?
- Oui. Puisque nous voulons seulement sentir la “saveur” des aliments...
- Très bien. Alors je te prie de réunir ton peuple ce soir, d'allumer un feu et de trouver unealebasse. Je vais vous apprendre le mot “saveur”.
- Mais, dis-moi une chose... - voulut savoir l'ancien.
- Quoi donc? - demanda Ynari.
- Pourquoi n'as-tu qu'une seule tresse?
- Parce que je n'ai besoin que d'une tresse pour partager le mot “paix” - dit la petite fille en souriant.
- Ah, bon!? Alors, montre-nous ça.

Le village était immense et la file des villageois s'étendait de la rivière jusqu'à l'énormealebasse sur le feu.

Ynari, la petite fille qui n'avait plus qu'une seule tresse, murmura les mots mystérieux, dit le mot “échange” et coupa sa toute dernière tresse. Puis, elle se dirigea à tous:

- Aujourd'hui, j'ai coupé ma dernière tresse. Demain matin, vous pourrez manger des fruits et tous les aliments sachant le sens du mot “saveur”. J'aimerais vous demander quelque chose: n'utilisez plus jamais le mot “guerre”. J'ai visité un village où personne ne connaissait le sens du mot “voir” et les villageois faisaient

[: 37]

la guerre à un autre village pensant que de la sorte ils pourraient “voir”. Mais, en fait, le mot “guerre” ressemble au mot “disparaître” qui ressemble aux mots “cesser de vivre”. A partir de demain, le mot “guerre” n'existera plus... - Et elle fit un clin d'œil au petit homme.

Le lendemain matin, de bonne heure, les villageois ont beaucoup mangé, même de trop, car ils voulaient apprécier les sens du mot “saveur”, différente selon qu'ils mangeaient du poisson ou de la viande, de la banane ou du "manioc" ⁷⁹.

[: 38]

⁷⁹ Le "manioc" est un arbuste aux racines comestibles qui est cultivé en Afrique, Asie et Amérique Latine.

Ynari, la petite fille sans tresses, et le petit homme marchaient de nouveau le long de la rivière. Ils s'assirent exactement au même endroit, là où ils s'étaient rencontrés la première fois.

- Tu sais, petit homme - dit Ynari. - Je suis très heureuse d'avoir découvert ma magie!

- Moi aussi, Ynari, j'en suis content pour toi.

- Maintenant je veux te demander une faveur.

- Oui, laquelle?

- Quand tu arriveras dans ton village, va trouver la vieille très vieille qui détruit les mots et demande-lui de détruire un mot que je lui envoie par toi...

- Tu veux qu'elle détruise le mot "guerre", n'est-ce pas ?

- Oui. Raconte-lui ce que nous avons vu et entendu. Je crois que c'est un mot qu'elle va vouloir détruire.

- D'accord, je lui transmettrai ton message.

[: 39]

- Bon, il faut que je rentre. Cette fois-ci, dans mon village on doit s'inquiéter de mon absence. Nous avons mis beaucoup de temps – dit en souriant la petite fille sans tresses.
- Tu as raison, Ynari - acquiesça le petit homme.
- Je crois que le moment de prononcer les mots “dire adieu” est arrivé.
- Oui, tu as raison.
- Tu sais, petit homme...
- Quoi donc, Ynari?
- Pour moi, le mot “adieu” a beaucoup du mot “rencontre” et aussi un peu du mot “saudade”⁸⁰.
- Que veux-tu dire? - demanda le petit homme en se levant.
- Je ne sais pas très bien comment t'expliquer... Mais, la première fois que je t'ai vu, j'ai senti quelque chose dans mon cœur...
- Dans ton cœur?
- Oui, ici à l'intérieur, dans ce cœur petit, mais si grand... Je vais te raconter un secret.
- Je t'écoute.
- Mais, s'il te plaît, ne dis rien au vieux très vieux qui invente les mots.
- C'est promis – dit en souriant le petit homme.
- Je crois que mon cœur lui aussi invente des mots... Le jour de notre première rencontre, mon cœur a tout de suite inventé pour nous le mot “amitié”.
- Je sais, Ynari. J'ai senti la même chose.
- Vraiment?
- Oui... - dit le petit homme. - Maintenant, tu sais... [: 40]

⁸⁰ La "saudade" est un état d'esprit qui englobe la nostalgie, le sentiment de manque et le regret.

- Maintenant, je sais quoi? - demanda Ynari, la petite fille sans tresses.
- Tu sais qu'un vieux très vieux peut inventer des mots et que notre cœur, quand il le faut, sait lui aussi inventer des mots.

Ynari se leva. Ils avaient bien compris le sens des mots "dire adieu" et à présent, ils découvraient le sens des mots "se regarder dans les yeux". Et ils restèrent ainsi pendant un moment.

- Quand nous reverrons-nous? - demanda Ynari.
- Chaque fois que nous le voudrons.
- Mais, tu vis si loin...
- Tu sais, il y a beaucoup de façons d'aller très loin... - dit le petit homme.

[: 42]

- Donne-moi un exemple.

- Voyons, tu sais...

- Tu crois que je peux demander à l'oiseau humbi-humbi de me porter sur ses ailes?

- C'est une idée, il est rapide!

- Mais je suis si lourde pour lui...

- Mais Ynari, tu n'es pas lourde pour son cœur – dit le petit homme en souriant. –
Essaye de voyager dans le cœur du humbi-humbi.

- D'accord, d'accord! – dit Ynari avant de partir en courant. - Au revoir et à bientôt!

- Au revoir. Nous sommes ensemble. Moi aussi, je sais voyager dans le cœur du humbi-humbi!

- Je sais! – dit Ynari. – Maintenant je sais!

Et, comme diraient les anciens, c'est ainsi que cela se passa.

[: 43]

Glossaire ⁸¹

Ancien: un ancien en Angola, et partout en Afrique, est un homme âgé et sage. En Angola, dans les communautés traditionnelles mais aussi en ville, le rôle des anciens est très important et leur statut social est très respecté. Dans les sociétés traditionnelles, de ce groupe d'hommes, est nommé un chef, le "soba".

"Cacimbo": Époque de saison sèche en Angola, qui va de mai à septembre, et correspond à l'hiver. Pendant cette saison, qui est plus fraîche, la brume appelée "cacimbo" recouvre les paysages.

"Catana": espèce de couteau long et large.

"Fuba": farine de maïs ou de manioc. Ces farines sont servies, en Angola, comme accompagnement de plats de poisson ou de viande.

"Humbi-humbi": oiseau migrant, de l'espèce de la cigogne, abondant à la saison des pluies en Angola. Le "humbi-humbi" est un symbole angolais de rêve et de recherche de nouveaux horizons.

"Maboque": fruit acidulé de l'Afrique Australe, très apprécié en Angola. Sa forme ronde inspire beaucoup de poètes angolais.

"Manioc": arbuste, cultivé en Afrique, en Asie et en Amérique Latine dont les racines (riches en amidon) ainsi que les nouvelles feuilles sont comestibles.

"Olongo": grande antilope africaine munie, chez le mâle, de cornes en forme de spirale. Le vieux mâle a un pelage gris brunâtre et celui de la femelle est brun marron. Ces antilopes possèdent, sur chaque flanc, quatre à dix raies blanches verticales.

"Palanca" noire: antilope d'une espèce très rare, ayant des cornes renversées vers l'arrière. En voie de disparition du fait de la guerre civile, elle est actuellement protégée en Angola. C'est le symbole majeur de cette nation africaine.

"Saudade": état d'esprit, sentiment de regret et de perpétuelle mémoire, la "saudade" est une marque identitaire de la Communauté de Pays de Langue Portugaise. L'absence ou la mort de quelqu'un, de quelque chose ou d'un lieu, font naître la "saudade" et parfois l'espoir de retour. La nostalgie, le manque et le désir de revivre intègrent la "saudade".

"Soba": chef traditionnel du village angolais qui juge aussi les querelles entre les villageois. Le "soba" est conseillé par les anciens du village.

[: 44]

⁸¹ Par ordre alphabétique.

4. 3. O Leão e o Coelho Saltitão: algumas dificuldades de reescrita

Neste conto, a estrutura de superfície não revela dificuldades maiores, não havendo portanto necessidade de realizar uma pesquisa terminológica como sucedeu com o conto *Ynari a Menina das Cinco Tranças*. Apesar disso, a estrutura profunda do conto revela um certo grau de complexidade pela forte presença da palavra africana e pelo processo tripartido de “tradução de culturas” a que esteve sujeita. Assim, tanto a audição inicial, como o relato elaborado pela União dos Escritores Angolanos, bem como a posterior fixação escrita por Ondjaki dessa “tradução de culturas” foram empreendidos no sentido de preservar e valorizar a tradição oral angolana.

Registamos algumas dificuldades na tradução desta fábula de traços igualmente universalizantes. É de notar que a proposta de reescrita criativa ondjakiana beneficia de uma improvisação que é tacitamente reconhecida na oratura africana e que, na sua destreza oral, detém o poder de uma permissiva arte de recontar. Ondjaki não se coíbe de usar essa característica das narrativas africanas, ajustando os diversos modos de improvisar em função do público-ouvinte, neste caso um público-ouvinte do século XXI e de língua portuguesa. O escritor reinventa assim, intertextualmente, canções com letra de Vinicius de Moraes e com modulação estrutural da variedade do português do Brasil:

Era uma festa bem pequenina

Não tinha fruta, não tinha nada.

Tinha um defunto meio acordado.

Eu vou fugir para não ser caçado ... (Ondjaki, 2008: 345)

Este é um trecho que traduzimos do seguinte modo:

C'était une bien petite fête

Sans fruits, ni rien.

Il y avait un mort à moitié éveillé

Et je vais fuir pour ne pas être chassé ... (*Le Lion*. Vd. Trad: 210)

Nesta pequena canção, entoada pelo Coelho Saltitão, as dificuldades prendem-se com a ausência do diminutivo “pequenina” em língua francesa e ainda com a necessidade de optar, face a duas hipóteses, pela reescrita do verso: “Não tinha fruta, não tinha nada”. Podendo optar-se entre “N'ayant ni fruits, ni rien” ou ainda “Sans fruits, ni rien”, a segunda opção parece-nos mais dotada de leveza, dado o contexto original da canção ser de cariz popular. É importante facultar um encadeamento entre o terceiro e o quarto versos através da conjunção copulativa coordenativa “et”, dado esta beneficiar o ritmo dos versos em língua francesa, sobretudo se pensarmos que a fábula traduzida será lida por crianças ou contada às mesmas. Depois de, nesta festa-armadilha, todos terem excessivamente bebido, o Coelho Saltitão dança e canta com maior convicção, ao imaginar o fabuloso festim de carne fresca que irá partilhar com o Leão:

Olha o morto ele é esperto

Cuidado com as garras

Sua dentadura dá medo de ver

É coisa que mata

E eu já vi morder ... (Ondjaki, 2008: 345)

Tal trecho foi traduzido deste modo:

Tiens ce mort, il est mâlin

Attention à ses griffes

Ses crocs font peur

Ses crocs tuent

Et déjà je les ai vus mordre ... (*Le Lion*. Vd. Trad: 210)

Estes excertos, colocados em contraste, mostram-nos a necessidade de contornar a inexistência do vocábulo “dentadura” em francês, bem como a expressão “dá medo de ver”. Chama-se a atenção para o facto do vocábulo “dentier” se referir em francês à prótese artificial que substitui a dentição natural e não à “dentadura” animal. Quanto ao verso simplista em língua portuguesa “É coisa que mata”, torna-se visivelmente obsoleto, depois de traduzidos os dois anteriores versos com recurso à substituição de “dentadura” por “crocs”. Este é um vocábulo usado no imaginário infantil de língua francesa, preservando o impacto do sentimento de medo e o receio que o Leão, o rei da Floresta Grande, tem o poder de sugerir aos outros animais. Por fim, é o próprio Leão que, dançando antes de atacar os animais ludibriados, entoia esta canção:

Olha que festa mais linda

Mais cheia de graça

Cuidado com o cão, veja a trapaça

Com uma doce dentada

Você vai dançar ... (Ondjaki, 2008: 346)

Quelle jolie fête

Quelle fête plaisante

Attention au chien et au piège:

Une douce morsure

Et vous allez valser ... (*Le Lion*. Vd. Trad: 211)

Repare-se que a canção do Leão é uma óbvia alusão a uma outra canção brasileira, a famosa “Garota de Ipanema (1962)”, cuja música foi composta por Tom Jobim com letra de Vinicius de Moraes. O subtexto que inspirou a recriação ondjakiana está pois fortemente conotado com uma ambiência tropical e uma desenvoltura que podem dificultar a sua tradução em francês. Ondjaki inclui assim, no espaço tradicional da oralidade angolana, uma incursão aos versos de Vinicius de Moraes, fazendo uso da possibilidade de improvisar contida na arte de contar.

Por outra parte, a reescrita do conto *O Leão e o Coelho Saltitão* sugere algumas dificuldades que se prendem com os diferendos morfológicos e sintáticos da língua de partida e da língua de acolhimento. Vejam-se os seguintes excertos a título exemplificativo:

O Coelho explicou ao Leão que era boa ideia prepararem um lugar apertado, com paus altos, como se fosse um pequeno quintal, onde ele, o Coelho, faria o enterro do seu cão. Depois convidariam todos os animais da Floresta Grande para virem ao funeral e ... (Ondjaki, 2008: 336)

Le Lapin explica au Lion que ce serait une bonne idée d’aménager un endroit étroit avec de hauts bâtons, comme si c’était un petit enclos, où, lui le Lapin, ferait l’enterrement de son chien. Après quoi, ils inviteraient tous les animaux de la Grande Forêt pour assister aux funérailles et ... (*Le Lion*. Vd. Trad: 201)

Sublinhamos, no excerto traduzido, o uso inicial do “passé simple” e também a inexistência em francês do infinitivo pessoal, bem como a impossibilidade de o transferir nesses moldes: “que era boa ideia prepararem um lugar apertado, com paus altos” ou “virem ao funeral”. Ao optar-se na língua de acolhimento pelo “infinitif”, é notória a perda do cunho de oralidade contido no infinitivo pessoal da língua de origem.

A primeira frase revela uma certa complexidade na sua reescrita, nomeadamente pela necessidade de optar por tempos verbais distintos dos da frase original. Também salientamos a escolha do verbo “aménager”, no sentido que lhe é dado em francês: “accomoder un lieu, un local précis, en disposer les éléments en vue d’un usage précis (Dictionnaire de Français Larousse, s/d: s/p.). Quanto ao substantivo “quintal” e à expressão “Floresta Grande”, foram traduzidos por “enclos”, parecendo ser este o substantivo mais próximo e adequado ao contexto em questão, e “Grande Forêt”. Nesta última expressão, a inversão do adjetivo, apesar de não honrar o preceito, subentendido na oratura, de território relevante, é considerada por nós mais adequada. Se assim não fosse, inculcar-se-ia na expressão mantida à letra, “Forêt Grande”, uma singeleza em demasia ingénua em língua francesa.

Por fim, destacamos de relance dificuldades presentes na tradução da seguinte estruturação frásica: “não fosse o rei querer resolver o problema do seu apetite com carne de coelho amigo” (Ondjaki, 2008: 333). Ao colocar várias hipóteses, a mesma foi reescrita do seguinte modo: “par peur que celui-ci ne veuille satisfaire son appétit de viande en mangeant son ami lapin (*Le Lion*. Vd. Trad: 198).

4. 3. 1. Versão em língua francesa

- PROPOSTA DE TRADUÇÃO (integral) -

Le Lion

et

Le Lapin Sautillant

Il y a très très longtemps, il y eut un grand problème dans la Grande Forêt. À cause des inondations et des incendies, il y avait peu de nourriture et les animaux furent obligés de chercher des racines, des bestioles et des fruits secs pour pouvoir survivre.

[: 7]

Un jour, le Lion, roi de la Grande Forêt, affamé et fatigué de manger de l'herbe et du poisson sec, appela son ami le Lapin Sautillant pour résoudre ce problème de la faim.

- Mon grand ami Lapin – salua le Lion.
- Lion, mon vieux... Comment va ta santé ?
- La santé, ça va plus ou moins bien... Le pire c'est la faim. Je n'en peux plus de manger des racines et des fruits sans saveur. J'ai envie de manger de la viande, de la viande fraîche et abondante. Tu comprends ?
- Je comprends, mon vieux - répondit le Lapin Sautillant, se maintenant toujours à l'écart du Lion, par peur que celui-ci ne veuille satisfaire son appétit de viande en mangeant son ami lapin.

[: 8]

- Approche-toi de moi un peu plus – demanda le Lion.

- Non, merci, mon vieux, je suis très bien à cette distance. De plus, il fait très chaud aujourd’hui on n’a pas besoin d’être si près l’un de l’autre. Tu m’as fait appeler?

- Oui - dit le Lion, en se léchant les babines, mouillant ainsi sa vieille moustache. J’ai pensé que peut-être tu pourrais avoir une idée pour trouver de la viande fraîche. Tu es un animal plein d’idées.

[: 9]

Le Lapin sautilla deux fois et s'éloigna un peu plus. D'un air songeur, il gratta le sol à la recherche d'une bestiole qui n'apparut pas.

- Oui, j'ai une idée, mon vieux.
- Approche-toi donc, je ne t'entends presque pas – dit le Lion.
- Alors je vais parler plus fort – répondit le Lapin Sautillant.
- Mais ne crie surtout pas, car les autres animaux pourront entendre ton idée. Crois-moi, tu peux t'approcher, je n'aime pas la viande de lapin – assura le Lion.

- Il ne faut pas dire de cette viande jamais je ne mangerai – murmura le Lapin Sautillant qui, malgré tout, fit deux petits sauts, se rapprochant du roi de la Grande Forêt.

[: 11]

Le Lapin expliqua au Lion que ce serait une bonne idée d'aménager un endroit étroit avec de hauts bâtons comme si c'était un petit enclos où, lui, le Lapin ferait l'enterrement de son chien. Après quoi, ils inviteraient tous les animaux de la Grande Forêt pour assister aux funérailles et ...

- Mais tu as un chien ? interrompit le Lion, très étonné.

- Non, bien sûr que non.

- Alors comment tu vas l'enterrer ?

- Tu ne comprends pas, mon vieux ... Le chien c'est toi – dit en souriant le Lapin Sautillant.

- Comment ça ?.. Ne suis-je pas le Lion ?! - le roi de la Forêt se gratta la tête.

- Laisse-moi finir, mon vieux, essaie de comprendre mon plan. Je dirai que j'avais un chien et que mon chien est mort de faim. Je les invite à boire lors de l'enterrement, comme on a l'habitude de faire ici, dans la Forêt. Toi, tu ne bouges pas, faisant semblant d'être le chien mort. Quand tous seront ivres et endormis, nous ferons alors un bon repas et il nous restera de la viande pour plusieurs mois.

- Mais tu manges de la viande, toi ? demanda le Lion.

- Je suis un peu fatigué de carottes. Expliqua le Lapin.

Ravi de la fourberie, le Lion en bavait déjà, roulant d'énormes yeux, comme si la viande était là, en face de lui. Peut-être à cause de cela, voyant que les griffes du Lion étaient sorties, que son poil était tout hérissé et que ses oreilles tremblaient étrangement, le Lapin Sautillant s'éloigna d'un saut.

[:12]

- Mon vieux, pour que tout se passe bien, commence tout de suite à rassembler des bâtons et des pierres. Construis un enclos avec un haut mur pendant que je vais annoncer à tous la mort de mon chien.

- De ton chien ? demanda le Lion.

- C'est toi ! Le chien, c'est toi, Lion! On fait semblant ... Tu t'en souviens?

- Oui, oui bien sûr, je suis le Lion mais je suis aussi le chien. Allez ! Va dire aux autres que le chien est mort et qu'ils doivent passer le mot. Fais vite- ordonna le Lion, en se bavant de nouveau, salissant ainsi ses pattes et ses moustaches.

- A tout à l'heure, mon vieux – dit le Lapin Sautillant en partant.

[: 13]

Pendant le reste de la journée, le Lapin Sautillant fit courir la triste nouvelle dans la Grande Forêt se lamentant de la perte de son chien bien aimé. Bien que doutant tous de cette nouvelle, mais sachant qu'il y aurait beaucoup à boire en honneur du chien, les animaux se réjouirent à cette idée. Ils s'organisèrent pour aller aux funérailles du chien inconnu qui, de son vivant, avait appartenu au Lapin Sautillant.

[:14]

Pendant ce temps, le lion coupa des branches d'arbres et creusa des trous. Avec des cordes faites de feuilles, il attachait les bâtons les uns aux autres pour faire un enclos avec une seule entrée. Puis, il éparpilla des herbes et des fleurs au sol et il eut encore le temps de ramasser quelques pierres pour les animaux qui, comme certaines personnes, n'aiment pas s'asseoir par terre.

[:15]

Le soleil se coucha et la Grande Forêt s'obscurcit. Le Lion avait lui aussi allumé quelques petits feux hors de l'enclos pour que tous les animaux sachent où était l'enterrement.

[:16]

Le Lapin Sautillant fut le premier arrivé et il apportait une boisson très forte. Il trouva les feux allumés et dans l'enclos tout était vide. Bien, pas complètement vide. Au centre, il y avait un tas de peaux et un corps dedans. Le Lapin posa la boisson à terre et se dirigea vers le Lion.

- Mon vieux, tu es là ? demanda-t-il tout bas.
- Non, ici il n'y a aucun "ton vieux". Ici, il y a le chien mort – plaisanta le Lion.

[:18]

Mais mon vieux, pour qu'ils croient que tu es mon chien, tu dois montrer ta gueule, rouler les yeux comme si tu étais mort et laisser pendre ta langue. Tu comprends ?

- Bien sûr – répondit le Lion- c'est une bonne idée. Regarde, tu aimes comme ça... demanda le Lion en faisant le mort.

-Tu n'as pas encore tout à fait la tête d'un chien mort. Laisse-moi faire quelque chose ...

[:19]

Et le Lapin Sautillant, qui s'appelait ainsi parce qu'il aimait faire de grands sauts, se mit à sautiller sur la tête du Lion.

- Mais qu'est-ce que tu fais, tu es fou! - criait le Lion.
- Tais-toi parce que les morts ne parlent pas, tais-toi parce que les morts ne parlent pas! – dit le Lapin en riant, riant tout en piétinant la gueule du Lion.
- Les invités arrivent, silence!...

A vrai dire, le Lion ressemblait vraiment à un chien mort, avec une tête sale et une langue pendante toute abîmée.

[:20]

Petit à petit, les invités arrivèrent. Le Lapin Sautillant paraissait très triste et essayait de faire sortir de ses yeux un semblant de larmes. A force de se frotter les yeux, une larme tomba. Beaucoup, beaucoup d'animaux entrèrent, de sorte que rapidement l'enclos se remplit de têtes, de pattes et de queues, enfin, de beaucoup de viande.

[: 22]

Comme tous avaient déjà bien bu, les voix s'étaient élevées, certains dansaient déjà un peu ou essayaient de marcher malgré les vertiges. A vrai dire, le Lapin Sautillant ne laissait personne sortir de l'enclos. Pendant qu'il dansait, il chantonnait ainsi :

C'était une bien petite fête
Sans fruits, ni rien
Il y avait un mort à moitié éveillé
Et je vais fuir pour ne pas être chassé ...

Les autres animaux trouvaient étrange de voir que le Lapin Sautillant avait envie de danser et de chanter, mais ils disaient que, étant triste, le Lapin avait peut-être un peu trop bu et, à cause de ça, il agissait de la sorte à l'enterrement de son chien bien aimé. Et le Lapin, qui n'avait rien bu, continuait à chanter :

Tiens ce mort, il est malin
Attention à ses griffes
Ses crocs font peur
Ses crocs tuent
Et déjà je les ai vus mordre...

[:25]

Sans être aperçu, le Lion rentra sa langue, secoua la poussière de sa crinière, montra ses griffes bien aiguisées et, pendant qu'il faisait semblant de danser il tua, les uns après les autres, les animaux qui ne pouvaient fuir. Emballé par le rythme de son corps, le Lion entama lui aussi une chanson :

Quelle jolie fête

Quelle fête plaisante

Attention au chien et à son piège

Avec une douce morsure

Vous allez valser...

[:26]

Nombreux furent ceux qui n'arrivèrent pas à fuir car, se maintenant près de la porte, le Lapin frappait à coups de bâtons sur la tête ceux qui essayaient de fuir.

- Quel manque de respect ! L'enterrement n'est pas fini. Restez encore un peu, l'enterrement n'est pas fini...

[: 28]

Tout comme ils l'avaient prévu, la nourriture était abondante. Après s'être calmés et reposés, arriva le moment de parler.

- Il faut partager le butin, mon vieux – dit le Lapin.

- Calme-toi – le Lion donna un fort coup de patte au Lapin – Maintenant, tu vas voir comment ton vieux fait le partage.

- Le Lapin, intimidé, ne bougea pas et attendit. Le Lion choisit pour lui la meilleure viande, les plus grands os, les meilleures peaux, laissant à peine au Lapin Sautillant les restes de viande accrochés au plus petits os.

- Mais, mon vieux... - essaya de protester le Lapin.

- Tais-toi et contente-toi des restes. Ce n'était pas l'enterrement de ton chien, aujourd'hui? demanda le Lion.

- Si, mais le chien ...

- Alors tu dois encore te sentir très triste, tu n'as pas besoin de manger beaucoup. Ah ah ah – rit bien fort le roi de la Grande Forêt. – Maintenant, laisse-moi dormir car le ventre plein me donne sommeil.

- Dors bien- dit le Lapin Sautillant. - J'espère seulement qu'aucun esprit ne te dérangera cette nuit.

[: 29]

Il n'y avait pas de lune, le ciel était très obscur.

Comme il n'y avait plus de feux, la Grande Forêt était elle aussi très obscure. Le Lapin fit semblant de dormir.

Quand le Lion commença à ronfler, le Lapin rassembla un petit tas d'os là où il était couché. Il couvrit les os avec la peau d'un bœuf et alla faire le tour de l'enclos. Dehors, il se couvrit des peaux restantes.

[: 30]

et son corps gagna une étrange forme. Forçant la voix d'une effrayante manière effrayante, il dit:

U-lu-lu la-la-lu...

On va manger le Lapin et le Lion ...

U-lu-lu la-la-lu ...

De cette nuit, ils ne passeront pas ...

[:31]

Le Lion se réveilla tremblant de peur et essaya, en vain, de réveiller le Lapin.

- Ami Lapin ... Entends-tu la même chose que moi ?

Mais le Lapin ne se réveilla pas, bien au contraire, il dormait profondément. C'est ce que pensait le Lion.

- Tant pis pour toi – rugit le Lion - tu seras mangé par l'esprit mauvais. Qui t'a demandé de faire semblant que ton chien était mort ...

[:32]

De peur, le Lion sortit de l'enclos en courant aussi vite que possible, abandonnant sa part de bons os et de bonne viande.

Le Lapin Sautillant, une fois seul avec ce trésor, fit un repas mérité. Après quoi, il rassembla tout ce qu'il put et alla se cacher près de la rivière.

[:33]

Le lendemain, le Lion se réveilla affamé. Il se rappela de la nuit précédente, retourna à l'enclos et, quand il y arriva, il ne trouva que les maigres restes qu'il avait lui-même donnés au Lapin. Il renifla un peu les peaux éparpillées et sentit très nettement l'odeur du Lapin. Comprenant tout, le roi de la Grande Forêt, devint furieux.

[:34]

Suivant l'odeur du Lapin Sautillant, il comprit que celui-ci devait être caché près de la rivière. Il s'approcha lentement et crut apercevoir le Lapin qui se baignait dans les eaux calmes de la rivière. Le Lion rugit mais le Lapin ne s'effraya pas.

- Lapin, tu n'as pas peur de moi, petit idiot?

Mais personne ne répondait.

- Petit, et muet en plus ? Je vais t'apprendre la leçon du Lion pour que tu ne l'oublies jamais.

[:35]

Le Lion fit un bond et tomba à l'eau. Complètement trempé, il se mit en colère, car il n'avait vu que le reflet du Lapin Sautillant. Tout mouillé, il leva les yeux. Il vit.

[:36]

Le Lapin était assis au sommet d'un "mujivo", un arbre avec de grandes feuilles et d'un très joli bois.

- Ah, tu es là, assis avec ma viande ? Prépare-toi à mourir parce que je vais monter – menaça le Lion.

- Prêt, je le suis déjà, mon vieux – dit le Lapin Sautillant. – Et tu n'as même pas besoin de grimper à l'arbre..

- Ah, oui ? s'étonna le Lion.

- Bien sûr. Ce n'est pas bien de donner tant de travail au roi de la Grande Forêt. Je te prie de m'excuser et de me faire une dernière faveur :

- Quelle faveur ?

- Une très simple faveur. Pour ne pas te fatiguer plus, reste où tu es et fais comme disait ma grand-mère : ferme les yeux et ouvre bien grande la bouche. Je me jeterai moi-même dedans.

[:37]

- Très bien, Lapin. Je vois que, en fin de comptes, tu es un animal sensé.

Et ainsi fit le roi de la Grande Forêt. Il ouvrit la bouche aussi grand que possible et, malin, le Lapin Sautillant y jeta un énorme sac d'os qu'il avait gardé.

Le Lion arrivait à peine à ouvrir les yeux et toussait fortement. A moitié étouffé, nageant difficilement, il fut entraîné bien loin par le courant.

Cela se passa ainsi. Et à cause de cela, jusqu'à nos jours, dans la Grande Forêt et même dans les autres forêts, le Lion et le Lapin Sautillant ne sont pas de grands amis.

[:39]

4. 4. O Voo do Golfinho: algumas dificuldades de reescrita

Este conto ondjakiano está redigido num português padrão muito acessível e não aparenta marcas do português de Angola, não implicando assim uma necessidade de elucidar referentes culturais específicos. A sua mensagem é puramente existencial e de caráter universal.

Apesar disso, confrontámos na reescrita desta narração, na primeira pessoa, algumas dificuldades circunscritas ao estilo do autor, complexificado através de um discurso que faz uso de repetições, de redundância e de construções paralelas, como modos de manter os vínculos à oralidade. Sendo assim, quando a palavra africana não se encontra explícita, subjaz frequentemente de forma oculta ou subentendida no subtexto. Por essa razão, até neste conto, escrito num português de aparente norma-padrão europeia e sem alteração do léxico ou inserção de entradas lexicais autóctones, o escritor modela o pensamento de uma feição sintaticamente diversa. Algumas repetições e redundâncias, adequadas frequentemente na língua portuguesa, tornam-se, por vezes, inviáveis e inestéticas na língua francesa.

Tais condicionalismos levaram-nos a recriar alguns excertos, por forma a tornar a mensagem compreensível ao público-alvo a que se dirige.

Vejamos assim como, no início da narração, surge uma primeira questão de traduzibilidade:

Chamo-me **Golfinho**

mas agora também me chamo **Pássaro**.

Tenho uma pequena estória para contar:

Sentem-se que eu vou começar. (Ondjaki, 2009: 359)

Neste trecho, o substantivo “estória” foi usado intencionalmente pelo escritor, no sentido de distinguir a narrativa de ficção, escrita num registo literário e que tem por função ser lida oralmente, do substantivo “história” referente ao estudo e ao registo de acontecimentos factuais. Naturalmente, tal distinção não encontra paralelo, não existindo sequer tal conceito em língua francesa. É pois aqui restringida, quase anulada, uma possibilidade de recriação pelo que, respeitando o grafismo da obra original, segue a nossa proposta:

Je m'appelle **Dauphin**

mais maintenant je m'appelle aussi **Oiseau**.

J'ai une petite histoire à vous raconter:

Asseyez-vous, je vais commencer. (*Le Vol*. Vd. Trad: 229)

Por outra parte, é dado observar que a repetição, enquanto modalidade estilística do discurso literário ondjakiano, é um modo de preservar nas estórias as estratégias a que se recorre oralmente na interlocução. Na cadeia discursiva da oralidade, os mesmos ou semelhantes segmentos linguísticos repetidos contribuem para criar os requisitos facilitadores do processo de compreensão. Quem ouve, pode assimilar informações, avaliando a coerência do discurso. Nessa tentativa de preservar na escrita as marcas de oralidade, essencialmente quando o público é composto por crianças, a repetição favorece o envolvimento de

quem ouve e é um recurso de persuasão e de implicação na coesão discursiva. O excerto que se segue é um exemplo em que a repetição promove a comunicação entre o leitor e o ouvinte:

Voltei a mergulhar e senti uma **grande alegria**.

A alegria era uma coisa bonita

que sentia no meu coração.

Era bonita porque me fazia voar. (Ondjaki, 2009: 363)

Na primeira frase, a expressão “grande alegria” está no texto original grafada, intencionalmente, com uma letra aumentada e o substantivo “alegria” é repetido duas vezes, bem como o adjetivo “bonita”. Quanto à reescrita da expressão “voltei a mergulhar”, optamos pelo uso em francês do prefixo agregado ao verbo, ou seja, optamos pelo verbo “replonger”. De resto, fizemos por manter, o mais possível, as estruturas idioletais do texto original. Desta feita, a nossa proposta global para a reescrita do trecho é a seguinte:

J’ai replongé dans la mer et j’ai senti une **grande joie**.

La joie était une chose jolie

que je sentais dans mon cœur.

Elle était jolie parce qu’elle me faisait voler. (*Le Vol*. Vd. Trad: 233)

Seguem ainda dois exemplos de recriação textual que, ditada pelo bom senso de manter a fidelização à mensagem do texto e à intenção do autor, faculta ainda assim uma plena compreensão ao público- alvo. Veja - se o primeiro desses exemplos, bem como a versão correspondente reescrita em francês:

Agora voamos juntos.

Somos o Bando da **Liberdade**.

Um bando de pássaros que eram
outros bichos e que sempre
desejaram voar:

Pássaros de todas as cores:

livres para cantar

livres quando

nos apetece sonhar. (Ondjaki, 2009: 367)

Maintenant nous volons ensemble.

Nous sommes la Bande de la **Liberté**.

Des oiseaux qui étaient

d'autres animaux qui ont toujours

désiré voler.

Des oiseaux de toutes les couleurs:

libres en chantant

libres quand

on a envie de rêver. (*Le Vol*. Vd. Trad: 237)

Aqui se atesta uma viabilidade de recriação da frase um “bando de pássaros que eram outros bichos e que sempre desejaram voar”. Dada uma certa incoerência, que é consequência da falta de concordância sintática, entre o sujeito da terceira pessoa do singular “bando” e o verbo “eram” conjugado na terceira pessoa do plural, optamos por não repetir o vocábulo “bando”. Por outro lado, e na sequência disso, o uso do substantivo “bichos”, reescrito como “bêtes” pareceu-nos ser uma opção pouco clara, tendo em conta o contexto narrativo e o horizonte

de expectativa. Sendo assim, justifica-se a alternativa mais abrangente do substantivo “animaux”. Igualmente sujeito a um processo de recriação foi o excerto que se segue, constituindo o remate da estória. Observe-se a recriação discursiva:

Esta é a estória de como eu era Golfinho
e aprendi a ser pássaro.
Agora vou apreciar do alto
As cores do Verão
Vou ficar quieto
escutando a voz do meu coração. (Ondjaki, 2009: 368)

Cette histoire est celle du Dauphin que j'étais
et de l'oiseau que je suis devenu.
Maintenant je vais apprécier de là-haut
les couleurs de l'Été
Je vais rester tranquille
et écouter la voix de mon cœur. (*Le Vol.* Vd. Trad: 238)

As modelações discursivas são requeridas, amiúde, pela língua de acolhimento, nomeadamente nas frases: “Cette histoire est celle du Dauphin”, “l'oiseau que je suis devenu” e “je vais rester tranquille et écouter”.

No trecho que se segue, foi nossa opção substituir o verbo “tinha sido”, repetido três vezes no texto original, por uma vírgula que, neste contexto preciso, se assume como uma pausa marcada em substituição dessa mesma forma verbal omissa “avait été”: “Un autre avait été un kangourou/ un autre, un caméléon/ un autre, un chat (*Le Vol.* Vd. Trad: 236) e (Ondjaki, 2009: 366).

4. 4. 1. Versão em língua francesa

- PROPOSTA DE TRADUÇÃO (integral) -

Le Vol
du Dauphin

Je m'appelle Dauphin

mais maintenant je m'appelle aussi Oiseau.

J'ai une petite histoire à vous raconter.

Asseyez-vous, je vais commencer.

J'ai grandi dans la mer, jouant avec d'autres dauphins.

J'aimais nager, sourire et même déjà j'aimais voler. Mes amis disaient que j'avais un bec différent.

C'était quoi un bec différent ?

[:7]

"Tu n'as pas un bec de dauphin,
tu as un bec de petit oiseau."

[: 8]

Je nageais très vite

et j'adorais sauter.

"Tu vois?", m'a dit un autre dauphin,

"Tu sautes déjà comme un oiseau."

[: 9]

Un beau jour, la mer était très calme,

j'ai sauté très haut

et à ce moment- là

j'ai vu le reflet de mon corps dans l'eau.

Mon bec ressemblait au bec d'un oiseau.

Mon corps aussi.

Mon regard aussi.

[: 10]

J'ai replongé dans la mer et j'ai ressenti une grande joie.

La joie était une chose jolie

que je sentais dans mon cœur.

Elle était jolie parce qu'elle me faisait voler.

J'avais un corps différent!

[:12]

Joyeusement

j'ai dit au revoir aux dauphins

et je suis allé jouer près des nuages.

Là, j'ai rencontré beaucoup d'oiseaux différents.

[: 15]

«Tu as toujours été un oiseau?»,

ai - je demandé à l'un d'eux, très coloré.

«Non. Moi, j'étais un serpent

mais j'ai toujours voulu être un oiseau.

[:17]

Un autre avait été un kangourou

un autre, un caméléon

un autre, un chat.

[:19]

Maintenant nous volons ensemble.

Nous sommes la Bande de la Liberté.

Une bande d'oiseaux qui étaient
d'autres animaux qui ont toujours
désiré voler.

Des oiseaux de toutes les couleurs:
libres en chantant
libres quand
on a envie de rêver.

[:21]

Cette histoire est celle du Dauphin que j'étais
et de l'oiseau que je suis devenu.

Maintenant je vais apprécier de là-haut

Les couleurs de l'Été

je vais rester tranquille

et écouter la voix de mon cœur.

[:23]

Mais je vais vous révéler un secret :

Aujourd'hui je suis un oiseau

mais quand j'en aurai envie

demain ou après

un dauphin à nouveau je serai.

[:25]

4. 5. A *Bicicleta que tinha Bigodes* : algumas dificuldades de reescrita

Esta é uma novela cuja temática juvenil pode ser lida e entendida por todos. No fundo, é uma leitura para todas as idades, imbuída de uma linguagem oralizada que emerge das vivências do dia-a-dia de um bairro luandino. Um bem-humorado narrador juvenil partilha com o leitor as suas experiências urbanas, percorrendo-se na narrativa um imaginário vivido na cidade de Luanda, numa época em que os cortes de luz elétrica eram mais que habituais. O tom da novela é fluído, natural, ingénuo e divertido e as rotinas quotidianas, descritas na trama, são tratadas com leveza na perspetiva de um jovem narrador ao qual não é atribuído um nome.

Posto isto, as dificuldades de reescrita do excerto da obra, que vai da página 7 à página 35, prendem-se fundamentalmente com a ocorrência dos seguintes aspetos: discurso oral, juvenil e popular, proveniente de um bairro da capital; estruturas marcadas do português de Angola, na variedade luandina; tom e ritmo de narração ingénuo e espontâneo do narrador; marcas de ironia presentes na textualidade profunda; jogos de palavras; interpretação de acontecimentos do quotidiano, ao sabor de uma realidade plena de irrealidades e de posturas caricatas, bem como uma galeria de personagens ficcionadas, cujos nomes são criações de foro artístico.

Além dos tópicos enunciados, é importante notar que Ondjaki expressa na sua narração um ritmo de oralidade locutora popular luandina, através das intervenções dos seus narradores, designadamente os juvenis. A presença marcada desse ritmo de oralidade, estando impressa globalmente na textualidade

narrativa das suas novelas e romances, compele o tradutor a refletir e a ponderar viabilidades, colocando mais que uma hipótese de reescrita para poder avaliar e validar o seu efeito na língua de chegada.

Tal ritmo, também ele entretecido na textualidade da presente novela, surge enfim como um auxiliar e um recurso de memória para contar histórias entrelaçadas, neste caso de cariz urbano, que geram encantamento num leitor, quase transformado em ouvinte. No caso, o leitor é o “quase ouvinte” da história de um concurso, narrado por um menino que sonha ganhar uma bicicleta e, bem entendido, de outros acontecimentos contextualizados numa comunidade luandina onde não faltam amigos e vizinhos.

A Bicicleta que tinha Bigodes apresenta diversas analogias com o romance *Bom Dia Camaradas*, quer ao nível do emprego recreativo da linguagem, quer ao nível da estruturação de diálogos e do uso da ironia. Por tal motivo, optamos por uma reflexão organizada em três dos cinco parâmetros, por nós propostos, para observar algumas passagens do romance supracitado traduzido em língua francesa por Nédellec (vd. *supra*, p. 81). O exame de algumas das dificuldades de reescrita desta novela será assim norteado pela ponderação de questões de ordem lexical e morfossintática, exemplos de recriação contextual e cultural, bem como outros relativos à formalidade e informalidade discursivas.

Abordando o parâmetro de ordem lexical e morfossintática, verificam-se na novela múltiplas ocorrências do mesmo. A um nível lexical, defrontamos três

grupos de dificuldades: itens lexicais sem correspondência em língua francesa, itens provenientes das línguas autóctones de Angola e itens de recriação idioletal.

Destacamos primeiramente a ocorrência de dois itens sem correspondência na língua de chegada, sendo o segundo aqui mencionado pelo seu valor conceptual: “estória” e “mais velhos” No prefácio redigido pelo autor (2011: 371), integralmente escrito em itálico sem quaisquer maiúsculas, pode-se ler: “o livro que se segue foi escrito com os conteúdos e os ritmos de uma “estória”, nessa letra “e” - minúscula e tão gigante - cabem os desejos e as fantasias feitos memória quase verdadeira...”. Trata-se assim do substantivo “estória”, por nós anteriormente problematizado aquando a sua ocorrência no conto infantil *O Voo do Golfinho* (vd. *supra*, p. 224) e que é, como já referido, um item lexical inexistente em língua francesa. No preciso contexto desta novela, foi nossa opção recriar o vocábulo através de uma expressão que não desmerecesse o significado original e a intenção do autor. Tendo em conta tais aspetos, a nossa proposta de reescrita criativa foi a que se segue : “Ce livre a été écrit avec les contenus et les rythmes d’une histoire à moitié imaginaire où vivent les désirs et les fantaisies faits de mémoire presque réelle...” (*Le Vélo*. Vd. Trad: 249).

No que se refere à expressão “mais velho”, aqui usada pelo escritor sem hífen, também ela problematizada ao longo da nossa investigação, note-se que foi por nós traduzida por “ancien” no ambiente de oratura tradicional que é o do conto *Ynari a Menina das Cinco Tranças* (vd. *supra*, p.154). As vivências da menina são tradicionais e, sendo assim, justifica-se a opção pelo vocábulo “ancien” em língua francesa, o qual se enquadra com adequação ao ambiente retratado. Repare-se,

no entanto, que no contexto de urbanidade, descrito na presente novela, a nossa opção recai na expressão “les personnes plus âgées”, atestando-se assim, por nossa parte, uma certa flutuação de reescrita. Tal flutuação é, do mesmo modo, comprovada na observação da tradução de Nédellec, dado a tradutora ter reescrito essa mesma expressão de modos diferentes, conforme os contextos. Esta é uma oscilação que, em ambas as circunstâncias, confirma a existência de dificuldades, bem como a necessidade de adaptação contextual na reescrita de uma expressão que, em última instância, representa um conceito cultural relevante em Angola (vd. *supra*, p. 61).

Na novela *ondjakiana*, é significativa a ocorrência de itens lexicais provenientes de línguas autóctones de Angola, bem como os de recriação idioletal. No primeiro grupo, incluem-se vocábulos, tais como “katé” “bué”, “capim”, “maka”, “comba” “cacimbo” “cambuta”. No segundo grupo, estão essencialmente incluídos nomes próprios fictícios atribuídos a países, crianças e adultos, que são amigos, conhecidos e vizinhos e ainda a bichos ou animais. Destacamos os seguintes: “Julgoeslândia”, “JorgeTemCalma”, “GeneralDorminhoco”, “AmílcarCãobral” e “AvóDezanove”.

Quanto aos vocábulos do primeiro grupo, optámos por reescrevê-los nos seus correspondentes em língua francesa, como “plein ou beaucoup”, “herbes sauvages”, “problème”, “enterrement” e “petites”. Os vocábulos “katé” e “cacimbo”, sendo o primeiro uma corruptela de “até” e o segundo designando a estação mais fresca do clima de Angola - este igualmente presente no conto *Ynari a Menina das Cinco Tranças* (*Ynari*. Vd. Trad: 171 e 190) - foram definidos em notas de rodapé.

Repare-se que o “cacimbo” é referente ao meio ambiente específico de Angola e representa uma nomação fortemente marcada com relação à identidade angolana e, como tal, esta deve ser mantida na língua de origem. Um vocábulo substantivado como “Edel”, que ocorre na página 20 do texto original e se reporta a uma empresa distribuidora de eletricidade angolana, é igualmente definido em nota de rodapé para esclarecimento do leitor (*Le Vélo*. Vd. Trad: 260).

Os itens do segundo grupo, que são de foro criativo e artístico do autor, foram do mesmo modo recriados por nós, por forma a preservar, não somente a mensagem estética do idioleto ondjakiano, como também o significado caricatural e cultural da designação das personagens. Note-se que tal criação neológica por aglutinação, com maiúsculas de permeio, reveste uma dupla face de cruzamento linguístico: o do neologismo ondjakiano com o neologismo popular. Este é assumido pelos falantes em conversas espontâneas e quotidianas, em Luanda, e a criação neológica de Ondjaki reflete o neologismo criativo dos falantes.

Acresce dizer que a reescrita do país designado por “Julgoeslândia” e a da personagem denominada “GeneralDorminhoco” sofreram um ligeiro fenómeno de perda. No primeiro caso, dissipa-se o efeito de jogo de palavras (eu julgo que é eslândia) e, no segundo caso, cai o sentido patusco de quem gosta de dormir demais (dorminhoco). Os quatro nomes próprios foram reescritos deste modo: “Jugegoslavie”, “GeorgeDuCalme” “GénéralSommeillant”, “AmilcarChienbral” e “Grand-mèreDix-neuf”.

Ao ponderarmos algumas estruturas morfossintáticas, destacamos, entre vários, o seguinte exemplo que se pode observar contrastivamente:

- Não sabes nada. E acabou a conversa porque a rua está muito escura e vocês nem deveriam estar aqui. Já para casa todo o mundo. (Ondjaki, 2011: 386)

- Tu ne sais rien du tout. Et on n'en parle plus parce que la rue est très sombre et vous ne devriez même pas être ici. Allez ouste, tout le monde rentre. (*Le Vélo*. Vd. Trad: 264)

Repare-se que na reescrita frásica se confirma uma necessidade de reestruturar morfologia e sintaxe, ora enfatizando alguns aspetos, ora recontextualizando outros. Evita-se assim uma rigidez discursiva em língua francesa, dado que dizer a uma criança “Tu ne sais rien” revela uma atitude demasiado hostil num ambiente que se quer amigável entre vizinhos e no convívio entre diferentes gerações. Do mesmo modo, não se dirá a uma criança que brinca na rua: “La conversation est terminée”, sendo que a modalização do discurso em língua francesa fica patente nestas frases: “vous ne devriez même pas être ici” e “Allez ouste, tout le monde rentre”. No primeiro caso, procede-se a um reforço de contextualização através da partícula “même”. No segundo, surge a necessidade de inserir, na língua de acolhimento, uma interjeição no início da frase e de colocar um verbo no seu remate, restituindo-se a leveza de um tom discursivo dirigido a crianças e apropriado ao contexto em foco.

De seguida, citamos um exemplo de recriação contextual e cultural. Este trecho reporta-se a um tema caro ao escritor, que é a presença dos cubanos em

Angola, presença essa igualmente patente no seu romance *Bom Dia Camaradas*. Avalie-se pois, no contexto da presente novela, o seguinte excerto original confrontado com o traduzido:

Só que apareceu o tio Rui de chinelos e calções. Vinha a fumar um cigarro escuro tipo charuto que cheirava bué a tabaco dos cubanos. (Ondjaki, 2011: 386)

Mais l'oncle Rui est arrivé en tongues et en short. Il fumait une cigarette foncée genre cigare qui sentait à plein nez le tabac des cubains. (*Le Vélo*. Vd. Trad: 264)

A nossa proposta sugere duas apreciações. Os chinelos, que são de uso diário nos bairros de Luanda, encontram a sua equivalência aproximada em “tongues”. O evocativo vocábulo “bué” que, em outras circunstâncias, traduzimos por “plein” e “beaucoup”, foi aqui recriado atendendo a pitoresca descrição do narrador e o específico contexto cultural marcado: “il fumait une cigarette foncée genre cigare qui sentait à plein nez le tabac des cubains”. A frase remete-nos nitidamente para sensações olfativas experimentadas na infância e fixadas nos meandros da memória afetiva.

São alguns os exemplos que dão conta de uma maior formalidade discursiva na língua de chegada. Propõe-se assim uma ponderação contrastiva de um desses exemplos, através dos excertos que se seguem:

O tio Rui tinha essa maneira de nos querer fazer ficar alegres com qualquer coisa. Depois, fez festinhas na cabeça de Isaura e os olhos dela ficaram menos tristes. (Ondjaki, 2011: 390)

Oncle Rui avait cette façon de vouloir nous rendre heureux avec des petits riens. Après, il a passé la main sur la tête d'Isaura et les yeux de celle-ci sont devenus moins tristes. (*Le Vélo*. Vd. Trad: 268)

Por fim, refira-se que não é possível dar conta do efeito produzido pela pronominalização do português de Luanda, patente na linguagem discursiva da novela. A título de exemplo, os segmentos linguísticos “para lhe encorajar a falar” (Ondjaki, 2011: 393) e “para lhe fazer sentir bem” (Ondjaki, 2011: 393) são prosaicamente traduzidos por “l'encourager à parler” (*Le Vélo*. Vd. Trad: 271) e “pour la soulager” (*Le Vélo*. Vd. Trad: 271), não refletindo as diferenças entre duas normas distintas, a do português de Angola e a do português europeu.

Quanto à espontaneidade locutora ora juvenil, ora adulta, com os seus jogos de linguagem, coloca igualmente o tradutor perante alguns dilemas no processo de reescrita da obra. Observe-se, a tal propósito, a perda insinuante da figura de linguagem que é a ironia, patente no jogo de palavras “coisa animada/ desanimada/ eu é que estou a ficar desanimado”:

Mas qualquer coisa também é coisa, camarada! Portanto, do ponto de vista da lei, temos que ver que coisa era. Se era coisa animada ou desanimada. Eu é que estou a ficar desanimado – o General falou. (Ondjaki, 2011: 387)

Mais n'importe quoi est une chose aussi, camarade! Donc, du point de vue de la loi, il faut voir qu'elle chose c'était. Si c'était une chose animée ou inanimée. Et moi je commence à être découragé – a dit le Général. (*Le Vélo*. Vd. Trad: 265)

4. 5. 1. Versão em língua francesa

- PROPOSTA DE TRADUÇÃO (excerto) -

***Le Vélo qui avait
des Moustaches***

ce livre a été écrit avec les contenus et les rythmes d'une histoire à moitié imaginaire où vivent les désirs et les fantaisies faits de mémoire presque réelle...

je vous demande de comprendre mon personnage Isaura – elle adore donner des noms très véridiques à ses petits animaux, mais nous n'avons pas l'intention d'offenser ou de blesser une quelconque sensibilité.

c'est moi qui ai écrit cette histoire ; mais c'est Isaura qui m'a appris le chemin des noms qu'elle a choisis. il n'y a aucune relation préméditée entre les noms et les animaux – amis – de Isaura.

[: 7]

- Oncle Rui, je peux parler des restes de lettres que, le soir, tante Alice enlève de ta moustache?
- Oui.
- On ne va pas venir dans notre rue voler la boîte où sont tes lettres ?
- Non, personne n'y croira.

[: 8]

Neveu

Bien sûr, vu que la rue reste la même bien que son nom ait changé et tout, on ne peut plus jouer au foot, ni entendre les oiseaux, ni les crapauds, seulement les embouteillages des grosses jeeps, on dirait des éclats de sirènes de béton les mains aux poches des cors des chaussures. Tu peux, avec des mots tu peux même traduire la voix du silence. Avec des moustaches et faisant de guidon de vélo qui descend vers le haut sans freins. Tu peux, bien sûr, parler des restes des lettres que, heureusement, nous sommes en train de semer. Katé!⁸²

Oncle Manuel, Rui aussi

[: 9]

⁸² A bientôt.

Dans ma rue vit oncle Rui, qui est écrivain et invente des histoires et des poèmes qui sont même connus dans des pays très internationaux.

Le CamaradeMuet, un gros monsieur qui parle peu et est toujours assis au coin de notre rue, a dit que ces histoires ont déjà été transformées en pièces de théâtre dans un pays avec un grand nom, je crois qu'on dit "Jugegoslavie".

Quand j'ai entendu la nouvelle à la radio, qu'ils allaient donner un vélo très beau, jaune, rouge et noir, j'ai tout de suite pensé aller parler à l'oncle Rui. C'était un concours national avec un vélo coloré comme premier prix qu'on avait déjà vu à la télé, mais ce jour-là dans notre rue il n'y avait pas d'électricité.

Le soir, parlant avec mon oreiller, j'ai même tout décidé : "si je gagne le vélo

[:11]

coloré, je vais laisser faire du vélo à tous ceux de ma rue sans rien leur demander, ni de glace ni de chewing-gum".

C'est cette promesse bien dure à faire qui me faisait croire que j'allais vraiment gagner le vélo.

Mais je ne suis pas très doué pour cette chose des histoires. J'ai parlé avec d'autres copains, pour savoir qui avait des idées, qui voulait participer au concours national du vélo coloré, mais tous se moquent de moi et disent que ce vélo doit déjà être à quelqu'un, qu'ils savent déjà qui va gagner.

Je n'ai pas compris, mais je n'ai pas laissé tomber. Je suis aussi allé parler au CamaradeMuet.

- C'est vrai que le vélo qu'ils annoncent à la radio n'est pas pour de vrai ?
- Bien sûr que c'est vrai – a répondu le CamaradeMuet. – Tu as une bonne histoire ?
- Je n'ai qu'une bonne envie de gagner ce vélo.
- Mais pour gagner tu dois inventer une histoire.
- J'suis juste en train de penser qu'on devrait demander du piston à Oncle Rui, celui qui écrit plein de poèmes.
- C'est pas de la triche, ça ?
- De la triche, pourquoi ? [:12]

- Et les autres enfants ?

- C'est pas mon problème, ce n'est pas de ma faute si oncle Rui vit ici dans ma rue. Ils n'ont qu'à trouver un écrivain dans leur rue.

[:13]

Oncle Rui est sympa et il est toujours super pressé.

Parfois il nous donne de l'argent pour acheter des glaces et, le 1 juin, on peut tous entrer dans le jardin de sa maison pour écouter quelques histoires qu'il lit directement des papiers jaunes où il écrit. Il parle d'une voix rauque et certains mots sont même difficiles à comprendre. Je pensais que c'était seulement sa façon de parler, mais c'est mon amie Isaura qui un jour m'a expliqué.

- Tu ne vois comment sont les moustaches d'Oncle Rui ?
- Elles sont comment?
- Elles sont du genre herbes sauvages qu'on ne coupe pas depuis le dernier "cacimbo"⁸³.
- Et après ?
- Après, certains sons et certains mots restent accrochés à sa moustache. Alors on entend que le reste.

[:15]

⁸³ Saison fraîche en Angola.

Isaura a toujours des idées compliquées. Elle reste très longtemps assise dans son jardin à regarder les hirondelles, les limaces et elle connaît même toutes les sauterelles de son jardin. Elle donne des noms aux animaux mais elle ne sait pas bien ses multiplications.

- Quatre fois quatre ? – demandait le CamaradeMuet quand il donnait encore des cours de maths.

- Je ne sais pas, mais par exemple, la sauterelle SamoraMachel aime plus les plantes de chez oncle Rui, et elle ne mange que jusqu'à onze heures. Et si le soleil est trop fort, elle va se cacher.

Nous riions de ses étourderies, et on en redemandait.

- Six fois trois ?

- Je ne sais pas, mais la limace Senghor est très bizarre parce qu'elle fait une maison de petits cailloux qu'elle va chercher au fond du jardin et, un de ces jours, elle risque d'être écrasée.

Isaura, comme elle est voisine d'oncle Rui, a de bonnes informations.

- Oncle Rui, l'après-midi, écrit dans sa véranda. D'abord il pense, après il parle à voix haute et c'est après qu'il écrit.

- Comment tu sais qu'il est en train d'penser ?

[: 16]

- T'es bête ou quoi ? Isaura m'a regardé très surprise. – Tu sais pas que quand les personnes plus âgées se grattent longtemps la moustache, c'est parce qu'ils sont en train de penser ?

Isaura donne des noms de présidents aux animaux de son jardin, et parce qu'il y en a beaucoup, elle connaît le nom de beaucoup de présidents. Cela peut être aussi des noms de certains qui sont morts ou même de ceux qui n'ont jamais été présidents mais des personnes assez importantes.

Son chat s'appelle Ghandi, je crois que c'était un monsieur genre Indou, quelque chose comme ça. Le chien s'appelle AmilcarCabral, nous l'appelons même AmilcarChienbral. La limace c'est Senghor, les sauterelles sont Samora, Mobutu et Khadafi, les crapauds s'appellent Raúl et Fidel. Il paraît qu'elle a aussi donné des noms aux oiseaux mais je n'ai jamais réussi à savoir par cœur toute la liste.

Je me rappelle maintenant, il y a un perroquet appelé JeanPaulTrois, fils du défunt jacquot JeanPaulDeux qui était mort dans la bouche de Ghandi. C'est que Ghandi, avant de s'appeler Ghandi s'appelait Tatcher! Ce n'est qu'après avoir mangé les perroquets qu'on lui a coupé les grelots et qu'il s'est calmé et s'est mis à miauler doucement. Mais je ne peux pas dire "grelots",

[:17]

ni même "greloïdes" parce que Grand-mèreDix-neuf n'aime pas que je dise des bêtises.

[:18]

Après le dîner, plus d'électricité.

Il y avait déjà quelques enfants dans la rue et Isaura y était aussi. C'était toujours comme ça, quand la lumière manquait, les gens se rassemblaient sur ce mur près de la maison de l'oncle Rui. Parfois, l'oncle Rui, lui-même, sortait pour écouter notre conversation et en rire, après il notait les choses que les enfants disaient sur ces feuilles de papier jaune.

Mais l'oncle Rui n'est pas venu. Seul CamaradeMuet s'est approché.

- CamaradeMuet – a dit Isaura -, alors c'est une panne de quinze minutes seulement ou c'est chose sérieuse ?
- Vu que la lumière s'est éteinte, comme ça sans trembler ni rien d'autre, je crois que c'est une coupure intentionnelle.
- "Coupure Intentionnelle" c'est quoi ? – j'ai demandé.

[:19]

- C'est quand Edel⁸⁴ coupe la lumière parce qu'elle le veut.
- Mais Edel existe pour donner ou couper la lumière ?

Un peu plus loin, près de la maison du GénéralSommeillant, on a entendu le freinage brusque de sa jeep. Celui qui conduit la jeep du GénéralSommeillant est un chauffeur dont on n'a jamais su le vrai nom. On l'appelle simplement Neuf, on l'a toujours connu avec ce nom, on dit qu'il a déjà écrasé mortellement neuf personnes, toujours de nuit. Isaura est allée voir en courant ce qu'il s'était passé, parce qu'on n'avait pas entendu de cris, alors si ce n'était pas une personne ce ne pouvait être qu'un animal. Et elle avait raison.

Quand CamaradeMuet, GeorgeDuCalme et moi sommes arrivés, Isaura pleurait et demandait à Neuf de faire marche arrière.

- Tu as tué mon crapaud, pleurait-elle.
- Il y a un problème? – a demandé CamaradeMuet.
- Je n'ai freiné que parce que les enfants ont crié, mais je n'ai rien vu – s'est excusé Neuf.

Mais Isaura savait. Moi aussi. C'était l'heure où les crapauds traversaient la rue et allaient boire de l'eau dans une petite mare qui avait aussi des herbes sauvages marron qui parfois donnaient de jolies fleurs, toujours au mois de novembre. C'est Isaura [:20]

⁸⁴ Edel: nom d'une entreprise de distribution d'électricité en Angola.

qui m'a dit une fois que dans cette mare elle avait déjà vu des dahus colorés qui imitaient l'arc en ciel.

- Tu as vraiment vu ces dahus?

- Oui. Ils avaient les couleurs de l'arc en ciel, et d'autres couleurs que vous n'avez jamais vues.

- Et t'en a pas attrapé un, juste pour qu'on puisse les voir aussi ?

- Ma Grand-mère a dit qu'on ne peut pas attraper un dahu?

Le chauffeur Neuf a fait marche arrière avec la jeep du GénéralSommeillant. Au sol, il y avait une tâche sombre de quelque chose qui avait dû être un crapaud.

- Tu as tué Raul – a demandé CamaradeMuet à Neuf.

- Alors tu as tué Raul? a demandé aussi GeorgeDuCalme.

- J'ai tué Raul ? Mais quel Raul ?

- Le frère de Fidel – j'ai répondu pour lui faire peur.

Neuf était très embarrassé. Il ne savait pas quoi dire et beaucoup de personnes commençaient à s'accumuler

[: 21]

là, dans la rue. Quelqu'un est allé appeler GénéralSommeillant. Une lumière de lampe à pétrole s'est allumée au premier étage de la maison de l'oncle Rui. C'était tante Alice. Elle est venue à la fenêtre.

- Qu'est-ce qu'il se passe ?
- On a écrasé le crapaud Raul.
- Écrasé seulement, ou vraiment écrasé ?
- Vraiment écrasé.

[: 22]

Le GénéralSomeillant est arrivé très fâché, car il était encore en train de dîner. Sa femme est arrivée aussi avec son tablier et des tongues en plastique.

-Rentre à la maison – dit le Général. Je ne te veux pas en tablier dans la rue.

Le GénéralSommeillant est allé parler avec Neuf. Et il a ri. Il voulait savoir qui était Isaura, la petite propriétaire du crapaud.

- C'est moi – a dit Isaura craintive.

- Alors d'après toi, Neuf a écrasé un crapaud ?

- Oui, camarade général.

- Et tu le connaissais ce crapaud ?

- Ce crapaud était à moi.

- Il était " à toi " ?

- Oui, il y a longtemps qu'il vivait dans mon jardin.

[: 23]

GénéralSommeillant a ri, on aurait dit qu'il se moquait de nous. Après il a allumé une lanterne et l'a pointée sur la tache obscure au sol.

- Et comment tu sais que ça c'était un crapaud? C'est peut être un fruit pourri, ou une autre bestiole.

- Mais je sais que c'est Raul.

- Tu ne sais rien du tout. Et on n'en parle plus parce que la rue est très sombre et vous ne devriez même pas être ici en train de jouer. Allez ouste, tout le monde rentre.

Mais l'oncle Rui est arrivé en tongues et en short. Il fumait une cigarette foncée genre cigare qui sentait à plein nez le tabac des cubains.

- Il paraît qu'il y a eu un accident sur la voie publique.

- Sur la voie obscure, camarade Rui. Le GénéralSommeillant a dit.

- Obscure et de circulation publique. Cette jeep est à vous, Général?

- Oui, mais c'était Neuf, ce maladroit, qui conduisait.

- Neuf ? Intéressant ce nom – l'oncle Rui s'est baissé pour mieux voir. – On dirait qu'on va avoir un changement de nom.

[: 24]

- Camarade Rui, cette tache peut être n'importe quoi.

- Mais n'importe quoi est une chose aussi, camarade! Donc, du point de vue de la loi, il faut voir quelle chose c'était. Si c'était une chose animée ou inanimée.

- Et moi je commence à être découragé – a dit le Général.

Isaura a commencé à pleurer et voulait partir.

- Qu'est-ce qu'il y a, Isaura, raconte-moi ça, dit l'oncle Rui.

- Neuf a écrasé le crapaud Raul.

- C'était le crapaud Raul ?

- Oui, tonton. J'en suis sûre, il va toujours boire de l'eau à cette heure-ci.

- Alors - oncle Rui a parlé au Général – le corps est identifié. Et nous avons même le parent le plus proche ici présent. Dans ce cas, un parent proche par affectivité.

- Et alors ? – le Général commençait à s'agacer.

- Alors il y a un crime de délit routier du domaine de faune domestique.

- Quoi ! ?

- Le chauffeur Neuf a écrasé un crapaud qui habitait le jardin de cet enfant depuis un bon bout de temps. Si vous êtes le propriétaire de la voiture, alors

[: 25]

vous êtes le responsable indirect. Mais on peut résoudre cela à l'amiable.

- Il est temps de mettre fin avec cette blague.

- Ce n'est pas une blague, camarade Général. Nous sommes dans un pays où les droits des enfants sont respectés. Et par contiguïté les droits batraciens.

- Oui, je sais - le Général Sommeillant était vraiment agacé.

- Vous le savez, c'est bien alors – oncle Rui cajolait Isaura, et il m'a fait un clin d'œil.

Le chauffeur Neuf a commencé à pleurnicher. Il a demandé pardon à Isaura et a expliqué qu'il n'avait rien vu parce que la voiture n'avait que ses feux de présence, et cela l'empêchait de bien voir dans toute cette obscurité.

- Je comprends - a dit Isaura. – J'accepte même les excuses du camarade Neuf, mais il faut enterrer le crapaud Raul près de la mare.

Le Général n'a pas du tout aimé ce bavardage, mais il a donné l'autorisation au chauffeur Neuf d'être présent aux funérailles qui auraient lieu une demi-heure après, si tôt qu'Isaura aurait trouvé le crapaud Fidel pour qu'il soit présent.

Comme le Général voulait rentrer chez lui, il accepta de nourrir le crapaud Fidel pour une période de

[: 26]

deux mois, selon la demande de l'oncle Rui lui-même qui, en plus d'écrivain, était aussi avocat et tout le monde avait peur qu'il ne termine les choses au tribunal.

- Juste une chose, camarade Général.

- Quoi donc, camarade Rui?

- Le camarade chauffeur doit subir une actualisation.

- Comment ça ? Une contravention?

- Non, une actualisation nominale. Désormais, le camarade chauffeur s'appellera Dix.

- Pas question - le GénéralSommeillant s'est fâché – Les crapauds ne comptent pas! Seulement les personnes et les chiens vaccinés!

- Vous insinuez qu'un crapaud appelé Raul, frère d'un crapaud appelé Fidel, ne compte pas pour changer le nom de votre chauffeur?

Nous, les enfants, on a ri en sourdine.

Le GénéralSommeillant a été obligé d'accepter et alors le chauffeur s'est appelé Dix. On a mis plus d'une heure pour trouver le crapaud Fidel et on était presque sur le point d'abandonner l'idée de faire l'enterrement cette nuit-là, mais on l'a trouvé là-bas près du garde-manger où il était en train de dîner. Isaura était très triste.

[: 27]

- Tu sais, Isaura, Dans la vie, il faut voir le bon côté des choses.

- La mort de mon crapaud peut être une chose bonne, oncle Rui?

- Oui. Le crapaud Raul était déjà bien malade et comme ça il évite de souffrir. Et le crapaud Fidel a ainsi de la nourriture garantie pendant deux mois.

L'oncle Rui avait cette façon de vouloir nous rendre heureux avec des riens. Après, il a passé la main sur la tête d'Isaura et les yeux de celle-ci sont devenus moins tristes.

- Moi, quand je serai grand je veux aussi être avocat. Comme ça aucun général ne voudra me tromper – a dit quelqu'un.

Tante Alice est venue chercher oncle Rui parce qu'on l'appelait au téléphone. On est resté là à bavarder un peu, près de la mare. GeorgeDuCalme a dit qu'il allait chercher des choses et il est parti en courant.

- Ça te dérange si je ne reste pas pour l'enterrement ?

- Merci, oncle Rui. Dans ces enterrements, seuls les enfants peuvent rester.

- Pourquoi? Quelle est cette loi ? – a protesté le CamaradeMuet.

[: 28]

Ils se sont éloignés. Tante Alice souriant doucement à Isaura, le CamaradeMuet réclamant qu'en Angola il n'y avait aucune loi qui interdisait les adultes d'assister aux funérailles des animaux, surtout à des funérailles publiques, sans lumière et dans une mare toute sale qui était fréquentée par deux vieilles lucioles.

- Isaura, tu pourrais laisser CamaradeMuet assister aux funérailles.

- Non, impossible. J'ai lu dans un livre. Funérailles d'animaux est chose d'enfants. Les adultes ne comprennent pas et après ils ne font que se moquer de nous.

- Mais il y a des adultes – j'ai dit – qui n'ont jamais grandi à propos des funérailles d'animaux. Je trouve que tu devrais le lui permettre, Isaura. CamaradeMuet est peut-être vraiment triste.

Je suis allé de nouveau appeler CamaradeMuet et aussi GeorgeDuCalme, ce gamin très agité, toujours en train de courir et incapable de rester tranquille. Dans la rue, tout le monde disait "George, du calme!", phrase qu'on a appris avec sa mère depuis qu'il est tout petit.

Alors, d'autres personnes de la rue sont venues, et Isaura n'a pas réclamé, parce que tous avaient un visage respectueux et ils avaient même quelques miettes de pain dur pour

[: 29]

offrir au crapaud Fidel en geste d'amitié lors de cet enterrement improvisé.

La nuit dans notre rue était belle. Comme il n'y avait pas de lumière, certains ont apporté des petites lanternes à faible lumière, d'autres de toutes petites bougies, une lanterne à pétrole économique aussi et même deux lampes de celles qui avaient une bouteille de verre et un réservoir à huile.

La mare a été toute illuminée et remplie de pleurs d'Isaura et de ceux qui ne pleuraient que pour accompagner les larmes de Isaura, et qui n'avaient ni même connu le crapaud Raúl.

Les chauves-souris ont survolé l'étang comme si c'était un spectacle d'aviation avec des mig's pour de vrai, un voisin a baissé la musique par respect et le plus beau a été les deux vieilles lucioles qui ont arrêté de clignoter leurs lumières quand Isaura a commencé à parler.

Tous se sont retournés, surpris, en entendant le bruit des langues de ma grand-mère. Ma Grand-mère Dix-neuf est arrivée tout doucement et a tenu la main d'Isaura. C'est Grand-mère Dix-neuf qui a dit :

- Tu vas dire quelques mots, Isaura ?
- Un poème peut-être.
- Oui, pourquoi pas. Je crois que les crapauds eux - aussi aiment la poésie.

[: 30]

Les personnes ont éteint les lanternes et les bougies. Seules sont restées allumées deux lampes à huile avec leur étrange odeur. La rue était très sombre dans le silence de dix heures du soir.

Le chauffeur Neuf qui maintenant s'appelait Dix a commencé à verser des larmes. Je me suis retourné : chez lui, j'ai vu la lumière de la cigarette. L'oncle Rui était resté dans la pénombre de sa fenêtre à regarder l'enterrement du crapaud Raul.

Isaura a parlé :

- Merci à tous pour la présence d'être ici... Je n'sais pas trop quoi dire.

GeorgeDuCalme n'arrivait pas à rester tranquille. Ni à se taire.

- Mais elle n'a pas dit qu'elle allait parler un poème ?
- Mais tais-toi – j'ai grondé.

Grand-mèreDix-neuf caressait les épaules d'Isaura, je crois que pour l'encourager à parler, ou même seulement pour la soulager.

Isaura a continué :

- Même le poème que j'allais parler, je l'ai déjà oublié aussi avant de commencer...

On a tous ri un peu.

- Je voudrais remercier les paroles de l'oncle Rui qui n'est pas là, et les miettes que tous ont apportées pour
- [: 31]

laisser ici dans la mare. Peut-être que les crapauds aiment les miettes comme les vrais morts aiment qu'on leur jette des boissons à terre, je n'sais pas. Grand-mère – elle a demandé à Grand-mèreDix-neuf. – Les crapauds ont une âme?

Grand-mèreDix-neuf a souri et a attendu. Isaura l'a regardée, attendant une réponse qui n'est jamais venue.

- Je voudrais aussi remercier le camarade chauffeur Neuf, je veux dire Dix, d'avoir accepté comme ça de changer de nom à cause de la mort du crapaud. Et voilà, c'est pas non plus un match de foot – Isaura a souri – pas besoin de rester 90 minutes. Merci à tous.

On a presque failli applaudir, mais il fallait pas. Chacun est rentré chez soi. Les enfants sont restés. Les enfants sont toujours les derniers à vouloir partir.

- Isaura, si tu veux – a dit GeorgeDuCalme - un cousin à moi, de Benguela, habite près d'une rivière. Là-bas y a plein de crapauds et ils sont bien grands. Je peux demander à mon père de t'en apporter un de là-bas. Mais je n'sais pas si un crapaud de rivière sait vivre dans notre ville, à Luanda...

- George, du calme, et ne dis pas n'importe quoi.

[: 32]

- Toi-même, ne dis pas n'importe quoi – a dit Isaura. – Merci, George, mais je ne pense pas. Ici à Luanda on écrase beaucoup, mieux vaut que chaque crapaud reste dans sa région.

GeorgeDuCalme a dit qu'il devait partir parce que sinon on allait le gronder. J'ai regardé à nouveau les hautes herbes de la mare : les lucioles avaient recommencé à clignoter.

- J'adore les lucioles – a dit Isaura.

- J'adore les étoiles quand le ciel est tout noir - j'ai dit.

- C'est la même chose.

- Isaura – j'ai commencé.

- Oui.

- Tu m'excuses de parler de ça tout - à - coup, ici à l'enterrement...

- Tu peux parler.

- Je voudrais te demander si tu n'veux pas m'aider à gagner le vélo du concours. Si on gagnait, le vélo pourrait être pour tous les deux.

Isaura s'est assise par terre.

- Ce concours de la Radio Nationale?

- Oui, celui-là. On invente une histoire ensemble et on gagne le vélo.

Il sera à nous deux. [: 33]

- Et ça ne va pas poser de problèmes ?
- Non. Le vélo est à toi le lundi, le mercredi et le vendredi. Après on change, le mardi, le jeudi et le samedi il est à moi.
- Et le dimanche ?
- Le dimanche il est à moi aussi.
- Pourquoi?
- Parce que je suis un garçon.
- Et alors ?
- Nous aimons plus les vélos que vous.
- C'est pas vrai, excuse-moi. Moi aussi j'aime les vélos.
- Bon, alors dimanche on prête le vélo à l'oncle Rui.
- Bonne idée, lui aussi aime faire du vélo.

Je me suis aussi assis par terre, à côté d'elle. Les lucioles s'allumaient et clignotaient beaucoup.

- Ces lucioles ont augmenté leur puissance ou quoi ?

Isaura a ri.

- Non, j'crois qu'il fait plus sombre. On doit rentrer chez nous.
- Alors et l'histoire ?

[: 34]

- Je n'ai aucune bonne idée.
- Mais moi, si.
- Pour l'histoire ? Alors tu peux écrire et gagner.
- Non, j'ai une idée pour avoir une bonne histoire.
- Je n'ai pas compris.
- La boîte de l'oncle Rui. – j'ai dit tout bas.
- Chuuut ! Je t'ai déjà dit que c'est un secret, tu ne peux parler de ça à personne. Tu m'as promis.
- Je n'en parle qu'avec toi!
- Ni avec moi. Un secret c'est une chose à penser, pas à dire.

Isaura s'est levée et est rentrée chez elle en courant.

[: 35]

Conclusão

A Segunda Conferência Internacional sobre o Futuro da Língua Portuguesa no Sistema Mundial decorreu em Lisboa (outubro 2013), desta vez subordinada ao tema “Língua Portuguesa Global - Internacionalização, Ciência e Inovação”. Na sequência da implementação do Plano de Ação de Brasília, a mesma teve como principais intentos motivar ações atinentes à relação entre língua portuguesa, inovação e divulgação de conhecimentos. Pode-se ler no Plano de Ação de Lisboa, entre outras, as seguintes recomendações: “Tradução de e para a língua portuguesa”; “Estimular a edição e a tradução de obras de escritores de língua portuguesa” e “Fomentar a circulação de artistas e bens culturais dos países de língua portuguesa”(“Plano de Ação de Lisboa”, 2014: 10).

É inegável reconhecer que a conquista de uma maior centralidade da língua portuguesa, a um nível mundial, poderá realizar-se plenamente através da afirmação da mesma, não somente como língua de negócios, de ciência e de inovação, mas também como língua de divulgação intercontinental de culturas, nomeadamente de África e para África. Para tal, a afirmação desta língua intercontinental deverá ser coadjuvada e projetada por indústrias culturais dinâmicas, contexto no qual a tradução literária detém uma posição de relevo.

Recorde-se que, no continente africano, são atualmente seis os países de língua oficial portuguesa, considerando a plena adesão da Guiné Equatorial à Comunidade de Países de Língua Portuguesa (julho 2014). Ainda assim, não sendo este um país africano para o qual a língua portuguesa se configura como uma herança histórica, aguardam-se novos desenvolvimentos para o futuro da mesma como língua oficial neste espaço africano.

Atendendo às variedades da língua portuguesa na região ao sul do Saara, onde Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe a partilham como língua de herança, as obras literárias e a sua reescrita artística são fecundas de características ímpares. Afortunadamente, neste novo século, a atividade tradutora beneficia de uma vasta panóplia de saberes multidisciplinares que, transversalmente, se complementam no empreendimento de reescritas literárias, conforme as reflexões e as inferências de Susan Bassnett na sua obra *Estudos de Tradução: Fundamentos de uma Disciplina*.

O mote lançado por Bassnett (vd. *supra*, p. 4 - 5) motivou-nos para a realização da nossa investigação, intitulada *Literatura Infantojuvenil de Ondjaki: do Imaginário ao Roteiro de Tradução* que está cingida, na vertente prática da tradução, ao par linguístico português de Angola/ língua francesa. A indagação dos domínios da literatura e da tradução literária levou-nos a empreender um itinerário com múltiplas faces problematizantes que subdividimos em duas vertentes essenciais: uma teórica e conceptual e outra prática, buscando estabelecer, de modo coeso, uma conexão entre campos de estudo pluridisciplinares. Foram algumas as áreas do saber, cujas teorias e conceitos revelaram apropriação numa possível constituição terminológica para a tradução das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

Não foi nosso objetivo abordar problemáticas de teorias genéricas da tradução como exercício que justifique somente uma *praxis*, mas sim selecionar dessas teorias adequados suportes que, articulados entre si e com outros, poderão contribuir para sistematizar a prática da tradução das Literaturas Africanas na sua singularidade. É um facto que esse exercício de tradução literária

é dotado de especificidade linguística, cultural e contextual, dado o contacto da língua portuguesa com línguas autóctones, a criatividade dos locutores, o experimentalismo linguístico perfilhado por escritores, bem como a afirmação dos seus idioletos pessoais. A constituição de parâmetros teóricos, conceptuais e metodológicos na empresa dessa tradução é viável, partindo-se de denominadores comuns e de traços de união das literaturas africanas entre si e com outras e culminando na observação de denominadores idioletais concretos.

Tão pouco se constituiu para nós como objetivo prioritário, numa decorrente prática de tradução do *corpus* selecionado da literatura infantil e juvenil, evidenciar exaustivamente processos e dificuldades de tradução. O *corpus* de Ondjaki apresenta-se como um objeto de estudo não quantitativo, mas sim exemplificativo e representativo da singularidade de um autor que partilha, como se verificou ao longo da nossa investigação, universos imaginários, perfilhações e afetos com outros autores africanos, e não africanos, de língua portuguesa e com outros ainda de outras línguas do mundo, entre filiações locais, globais e pessoais.

Na sua essência, os objetivos que nos moveram cumpriram-se na persecução da organização de conhecimentos pluridisciplinares, cujas procedências estão patentes em teorias e em campos conceptuais, que vão desde a sociolinguística à cultura, da cultura à tradução, da literatura à sua História e destas todas à prática da tradução. Recorrendo ao contributo de investigadores com créditos firmados nas citadas áreas do saber e nomeando apenas alguns deles, destacamos Calvet, Leiria, Firmino, Gonçalves, Martinho, Even-Zohar, Trigo, Mata, Perrin, Prince, Basnett, Laban, Bernardo, Newmark, Eco e Nédellec. Sublinhamos que, dado o ecletismo do nosso objeto de estudo e no sentido de

proceder a uma organização coesa do mesmo, foi nossa opção evidenciar os autores que, no nosso entender, se prestaram a um desígnio de clareza numa argumentação que se quer conexa, evitando-se a dispersão.

É de salientar que foi considerado com fulcral interesse o olhar de Calvet sobre a gestão do multilinguismo na África subsaariana, bem como a perspectiva da língua portuguesa como língua africana, proposta por Martinho, Leiria e Firmino, e ainda o conceito de literatura traduzida no polissistema literário mundial sugerido por Even-Zohar. De igual modo, foram primordiais a argumentação de Prince que eleva a literatura infantil e juvenil à categoria de género no mundo atual, bem como a tomada de consciência de angolanos do valor da mesma e da sua positiva participação numa época de Renascimento Africano.

Por outro lado, na exposição da nossa vertente de índole prática, foram incontornáveis a retrospectiva da obra artística e literária de Ondjaki, escritor angolano premiado e reconhecido no contexto de Renascimento Africano, a focalização do seu universo imaginário e das suas opções linguísticas, bem como a observação de excertos do seu romance *Bom Dia Camaradas*, traduzido em língua francesa pela tradutora suíça Dominique Nédellec. Refira-se que esta prévia averiguação de um labor tradutivo foi produtivamente inspiradora para orientar a nossa própria prática, não sendo trivial acentuar que os tradutores aprendem sobremaneira uns com os outros. Outrossim, tratando-se de traduzir literariamente o continente africano e suas ilhas, a troca de experiências entre tradutores, bem como a observação de traduções, realizadas num sentido de partilha construtiva, são tão necessárias quanto salutares.

De um modo retrospectivo, mencione-se que a multidisciplinaridade e a transversalidade foram duas abordagens recorrentes na nossa investigação, na qual se realçou a tarefa de modelar a vertente de índole teórica e conceptual à vertente de índole prática. Para tal, perfez-se um percurso, articulado por diferentes áreas do conhecimento, com o propósito específico de delinear uma possível estrutura para a Problemática da Tradução de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Nas mencionadas vertentes, se incluem quatro momentos – imersão na região subsaariana e na língua afro-portuguesa como língua de partida, imersão na especificidade da tradução, no autor luandense Ondjaki e na língua de chegada, imersão no género a ser traduzido e no seu contexto africano, designadamente angolano e, por fim, imersão na vertente pragmática da tradução. Na indagação da vertente teórica e conceptual, foram problematizadas as seguintes questões:

- Multilinguismo e funcionalidade linguística ao sul do Saara;
- Língua portuguesa em África: funções e estatutos;
- Problematização das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e da sua tradução, bem como de uma terminologia adjacente;
- Particularidades da tradução literária e da literatura traduzida no âmbito do polissistema literário;
- Problematização da literatura infantil e juvenil como género neste século;
- Apreciação do seu valor no contexto do Renascimento Africano.

Na segunda vertente, de índole prática, com o intuito de proceder à reescrita literária das obras infantis e juvenil ondjakianas, foram adotados os seguintes procedimentos:

- Retrospectiva da obra artística e literária de Ondjaki;
- Averiguação de universos imaginários e linguísticos do autor;
- Observação de excertos da obra original *Bom Dia Camaradas*, de modo contrastivo, com a versão traduzida em língua francesa por Dominique Nédellec, *Bonjour Camarades*, examinando-se algumas estratégias de tradução escolhidas pela tradutora no par de línguas português de Angola/ língua francesa;
- Indagação de temáticas e de contextos de produção das obras que constituem o *corpus* a traduzir;
- Partilha de algumas dificuldades experimentadas na reescrita literária por nós empreendida;
- Apresentação das versões, traduzidas em língua francesa, das obras que enformam o *corpus* selecionado.

Sendo que o fio condutor, articulando múltiplos conhecimentos, tem o seu princípio na vasta região da África subsaariana, a par das competências, da observação de traduções de outros congéneres e das suas próprias convicções, o tradutor que queira traduzir literariamente e com plenitude essa região, deverá, como se viu, destriçar peculiaridades. Para tal, é seguramente benéfica a possibilidade de vivenciar culturas e oratura e, numa perspetiva ideal, a de contactar com o autor. Tais resoluções completam-se e são pertinentes numa tentativa de entendimento e de aquisição de saberes transmissores de tais

culturas. De Norte a Sul e de Oeste a Este, os países do continente africano e da sua insularidade são dotados, cada um por si, de idiossincrasia. Pela vivência experiencial, o tradutor apreende-a de modo mais proficiente *in loco*, estando apto a reescrever línguas e culturas, bem como a descrever os sinais e as marcas que o Saara e o Sul imprimem nessas terras africanas, insulares e continentais.

Além da arte literária e da sua comprometida reescrita, o prometeico mensageiro quer-se idealmente habilitado para compreender o lado humano e os patrimónios musicais e artísticos, gastronómicos e paisagísticos. Como tradutor de culturas, escutando atentamente as gentes, poderá identificar distintas posturas, as rurais e as urbanas, as simbioses linguísticas, bem como os matizes da “palavra africana” (vd. *supra*, pp. 146 - 148), guardião da ancestralidade verbal e não-verbal. Estas são pois as componentes de uma poética que, invariavelmente, se fazem presentes na escrita dos autores africanos de língua portuguesa, entre os quais Ondjaki.

Tal poética é difundida nas literaturas através de ditames autóctones e da apropriação nacional ou artisticamente pessoal de uma língua literária transmudada em afro-portuguesa, língua reinventada e aclimatada ao local, entre uma herança proveniente da História e uma adequação global. Sendo assim e pelas razões apontadas, a nossa trajetória realizou-se de modo consciente, tendo como ponto de partida as independências africanas, bem como as suas vivências e a dinâmica de línguas e culturas em época de Renascimento Africano.

As nossas estadias, designadamente em países como Guiné-Bissau, Cabo Verde, Senegal, Gâmbia, Zimbabué, Moçambique e São Tomé e Príncipe, proporcionaram-nos uma interiorização de espaços e uma compreensão de

múltiplas diferenças em benefício da tradução africana. Esta passa assim pela apreensão de conceitos familiares, por vezes, alargados, de conceitos educativos e comunitários, também orientados através do estatuto conferido à idade e das religiões professadas. Passa ainda pelas instituições escolares formais, compatibilizadas com os convívios da oratura, bem como pelas juventudes urbanas, já fervorosamente adeptas de tecnologias e de redes sociais e pela sabedoria dos “mais-velhos”.

São estes alguns dos trajetos que podem auxiliar uma reescrita literária, ajustada de harmonia com o chão subsaariano, as suas gentes, os seus afetos, os ambientes ecológicos e comprometida com imaginários oníricos, sistemas de pensamento e diversidade de identidades e culturas. Acresce sublinhar que a tradução da língua literária afro-portuguesa, nas suas variedades, podendo futuramente ser sediada em África com a constituição de centros de tradução, é uma área potenciadora para a estruturação deste novo campo de estudos. A estratégia fundamental de tal investigação poderá ser, em parte, impulsora da internacionalização de uma língua, cujo valor patrimonial é sabiamente assumido por um antigo dirigente guineense:

O português [língua] é uma das melhores coisas que os tugas nos deixaram, porque a língua não é a prova de nada mais senão um instrumento para os homens se relacionarem uns com os outros (...) [e] para exprimir as realidades da vida e do mundo.

Amilcar Cabral

Bibliografia

Corpus analisado

ONDJAKI (2004 a). *Ynari a Menina das Cinco Tranças*. Lisboa: Editorial Caminho.

ONDJAKI (2008). *O Leão e o Coelho Saltitão*. Lisboa: Editorial Caminho.

ONDJAKI (2009). *O Voo do Golfinho*. Lisboa: Editorial Caminho.

ONDJAKI (2011). *A Bicicleta que tinha Bigodes*. Lisboa: Editorial Caminho.

Obras de Ondjaki

ONDJAKI (2000). *actu sanguíneu*. Luanda: Chá de Caxinde.

ONDJAKI (2001). *Momentos de aqui*. Lisboa: Editorial Caminho.

ONDJAKI (2002 a). *O Assobiador*. Lisboa: Editorial Caminho.

ONDJAKI (2002 b). *Há prendisagens com o Xão: o segredo húmido da lesma & outras descoisas*. Lisboa: Editorial Caminho.

ONDJAKI (2003). *Bom Dia Camaradas*. Lisboa: Editorial Caminho.

ONDJAKI (2004 b). *Quantas madrugadas tem a noite*. Lisboa: Editorial Caminho.

ONDJAKI (2004 c). *Bonjour Camarades*. Genève: Éditions La Joie de Lire.

ONDJAKI (2005). *E se Amanhã o Medo*. Lisboa: Editorial Caminho.

ONDJAKI (2007 a). *Os da minha rua*. Lisboa: Editorial Caminho.

ONDJAKI (2007 b). *Ceux de ma rue*. Genève: Éditions La Joie de Lire.

ONDJAKI (2008). *AvóDezanove e o Segredo do Soviético*. Lisboa: Editorial Caminho.

ONDJAKI (2009). *Materiais para a Confecção de um Espanador de Tristezas*. Lisboa: Editorial Caminho.

ONDJAKI (2012). *Os Transparentes*. Lisboa: Editorial Caminho.

Outras obras literárias

COUTO, Mia (2001). *O Gato e o Escuro*. Lisboa: Editorial Caminho.

COUTO, Mia (2004). *A Chuva Pasmada*. Lisboa: Editorial Caminho.

PEPETELA (2002). *As Aventuras de Ngunga*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

VIEIRA, Luandino (2004). *João Vêncio: os seus amores*. Lisboa: Editorial Caminho.

AGUALUSA, José Eduardo (2003). *La Saison des Fous*. Paris: Continents Noirs Gallimard.

Sobre diversidade linguística

BARBEITOS, Arlindo. "Unidade e diversidade do português: as várias normas". 2ª Mesa-redonda moderada por Salvato Trigo. In Congresso sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo, Actas Vol. I, Lisboa, ICALP, p. 422.

CALVET, Louis-Jean (1996). *Les Politiques Linguistiques*. Paris: Presses Universitaires de France.

CALVET, Louis-Jean (1999). *La Guerre des Langues et les Politiques Linguistiques*. Paris: Hachette Littératures.

CALVET, Louis-Jean (2002). *Le Marché aux Langues. Les effets linguistiques de la mondialisation*. Paris: Plon.

CALVET, Louis-Jean (2009). *La Sociolinguistique*. Paris: Presses Universitaires de France.

GONÇALVES, Perpétua (2013). “O Português em África”. In Eduardo Buzaglo Paiva Raposa *et al* (orgs.). *Gramática do Português I*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 157 - 178.

HENRIQUES, Maria Augusta (1985). “Situação e Perspectivas do Português na Guiné-Bissau”. In *Congresso sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo*, Actas Vol. I, Lisboa, ICALP, pp. 234 - 241.

JAKOBSON, Roman (1995). *Arte verbal, Signo verbal, Tiempo verbal*. México: Fondo de Cultura Económica.

MARTINHO, Ana Maria Mão-de-Ferro (1995). *A Língua Portuguesa em África: Educação, Ensino, Formação*. Évora: Editorial Pendor.

PEREIRA, Dulce (2006). *Crioulos de Base Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.

PINTO BULL, Benjamim (1989). *O Crioulo da Guiné-Bissau: Filosofia e Sabedoria*. Lisboa: ICALP/ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa.

RAMOS, Belmiro (1985). “Situação Actual da Língua Portuguesa em Cabo Verde”. In *Congresso sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo*, Actas Vol. I, Lisboa, ICALP, pp. 225 - 232.

VILELA, Mário (1999). “A Língua Portuguesa em África: tendências e factos”. In *AFRICANA STUDIA: Revista Internacional de Estudos Africanos*, n.º 1, pp. 175 - 195.

WEINREICH, Uriel (1968). “Unilinguisme et Multilinguisme”. In *Le Langage, Encyclopédie de la Pléiade* (dir. De André Martinet), pp. 647- 684.

Teoria, prática e crítica da tradução

BALACESCU, Ioana e STEFANINK, Bernd (2003). "Traductions et Différences Culturelles". In *Le Français dans le Monde*, nº 326, pp. 21 - 24.

BASSNETT, Susan (2003). *Estudos de Tradução: Fundamentos de uma Disciplina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

BERNARDO, Ana Maria (2005). "Crítica da Tradução: Modelos Tradutológicos para a Literatura Traduzida". In *Estudos de Tradução em Portugal: Actas do III Colóquio de 18- 19 de Dezembro de 2003*, Lisboa, Universidade Católica Editora, pp. 73 - 85.

CAMPOS, Haroldo de (1993). *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva.

CAYRON, Claire (1987). *Sésame pour la Traduction: une nouvelle pour Miguel Torga*. Saint-Amand Montrond: Éditions Le Mascaret.

ECO, Umberto (2005). *Dizer quase a mesma coisa sobre a tradução*. Algés: Difel.

GIUDICELLI, Michelle (1994). "La Traduction des Auteurs de Langue Portugaise/ Table Ronde animée par Michelle Giudicelli". In *Onzièmes Assises de la Traduction Littéraire (Arles)*, Actes Sud (1995), pp. 31 - 65.

LABAN, Michel (1994). "La Traduction des Auteurs de Langue Portugaise/ Table Ronde animée par Michelle Giudicelli". In *Onzièmes Assises de la Traduction Littéraire (Arles)*, Actes Sud (1995), pp. 31- 65.

LIMA, Conceição (2010). *Manual de Teoria de Tradução*. Lisboa: Edições Colibri.

MESCHONNIC, Henri (1999). *Poétique du Traduire*. Paris: Éditions Verdier.

MIMOSO BARRETO, José (1987). "Actividade criativa na tradução literária". In *Congresso sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo*, Actas Vol. II, Lisboa, ICALP, pp. 503 - 510.

MOUNIN, George (1963). *Les Problèmes Théoriques de la Traduction*. Paris : Éditions Gallimard.

NEWMARK, Peter (2001). *A Textbook of Translation*. Clevedon: Multilingual Matters Ltd.

STEFANINK, Bernd e BALACESCU, Ioana (2002). "Traduction et Créativité". In *Le Français dans le Monde*, n° 320, pp. 41 – 44.

TAVARES, Ana Cristina (2006). "Entrevista realizada com o tradutor literário professor universitário e escritor José Manuel Lopes". In *Revista Babilónia de Línguas, Culturas e Tradução*, n° 4, pp. 253 - 263.

TAVARES, Ana Cristina e LOPES, José Manuel (2005). "Prolegómenos a um esquema analítico para a crítica de traduções literárias". In *Revista Babilónia de Línguas, Culturas e Tradução*, n° 2 / 3, pp. 81- 92.

VENUTI, Lawrence (1999). *The Translator's Invisibility: a history of translation*. London: Routledge.

Literaturas de língua portuguesa e culturas africanas

AGUALUSA, José Eduardo (1999). " A ficção: vinte anos depois". In *Revista LER*, n° 35, pp. 42 - 44.

AGUALUSA, José Eduardo (2002). "Entrevista a José Eduardo Agualusa". In *Revista História*. N° 51, p.18.

BHABHA, Homi (2002). *The Location of Culture*. London: Routledge.

BONNICI, Thomas (2000). *O Pós-colonialismo e a Literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Editora da Universidade Estadual.

COUTO, Mia. "Entretien avec Mia Couto". In MAGNIER, Bernard e LABAN, Michel (1993). *Revue du Livre Afrique, Caraïbes, Océan Indien, Littérature du Mozambique*, n° 113, pp. 73 - 76.

FREUDENTHAL, A., MAGALHÃES, R., PEDRO, H. e VEIGA, C. (org.) (1994). *Antologias de Poesia da Casa dos Estudantes do Império 1951 – 1963: Angola e São Tomé e Príncipe*, vol. I, Lisboa: Associação da Casa dos Estudantes do Império.

H.M. (2007). "Ray-Gude Mertin (1943 - 2007) a maior agente de literatura portuguesa". In *JL Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 947 de 17 a 30 de janeiro, p. 5.

LEITE, Ana Mafalda (1987). "Língua e criação literária na obra do poeta moçambicano José Craveirinha". In *Congresso sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo*, Actas Vol. II, Lisboa, ICALP, pp. 497- 502.

MAGNIER, Bernard e LABAN, Michel (1993). "Entretien avec Mia Couto". In *Revue du Livre Afrique, Caraïbes, Océan Indien, Littérature du Mozambique*, n.º 113, pp. 73 – 76.

MATA, Inocência (2002). "Pepetela e as (novas) margens da "nação" angolana". In *VEREDAS, Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, Vol. 4, pp. 133 – 145.

MESTRE, David (1977). "Carta de Angola". In *Colóquio Letras*, n.º 39, pp. 42 - 47.

ONDJAKI (2013). " Eu não ando sozinho...". In *JL Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 1125 de 13 a 26 de novembro, p. 6.

SAID, Edward (1994). Introduction. *Culture and Imperialism*. De Said. New York: Vintage Books, pp. xi- xxviii.

TRIGO, Salvato (1992). "A Emergência das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa e a Literatura Brasileira". In *Temas Portugueses e Brasileiros* (comp. de Forjaz Trigueiros, Luís e Parreira Duarte, Lélia), pp. 433 - 437.

Literatura infantojuvenil

“A Bruxinha: Tempo de férias”. In Suplemento do semanário *O Ribatejo*. Edição 1026, 30 de junho de 2005, p.14.

ANTUNES CUNHA, Maria Antonieta (1991). *Literatura Infantil: Teoria & Prática*. São Paulo: Editora Ática.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de (1989). *A Literatura Infantil : visão histórica e crítica*. São Paulo: Global Universitária.

PERRIN, Raymond (2008). *La Littérature de Jeunesse et Presse des Jeunes au début du 21^{ème} siècle*. Paris: L’Harmattan.

PRINCE, Nathalie (2012). *La Littérature de Jeunesse, pour une théorie littéraire*. Paris : Armand Colin.

SHAVIT, Zohar (2003). *Poética da Literatura para Crianças*. Lisboa: Editorial Caminho Universitária.

Webgrafia

Artigos de grande divulgação e entrevistas

“Acto Constitutivo da União Africana”. 2000. [Consult. 29/ 01/ 2011]. <<http://www.fd.uc.pt/CI/CEE/OI/OUA/>>.

African Academy of Languages/ African Union Comission. s/d. [Consult. 15/ 10/ 2011]. <<http://www.acalan.org>>.

ASSUNÇÃO, Paulinho. “Fazer poesia- e outros projectos, entrevista a Ondjaki, cara a cara”. In *Revista BUALA*. 2011. [Consult. 18/ 10/ 2012]. <<http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/fazer-poesia-e-outros-projectos-entrevista-a-ondjaki>>.

“aventuras de ngunga”. s/d. [Consult. 03/ 01/ 2012].
<www.citi.pt/cultura/literatura/romance/pepetela/ngunga.html>.

AZEVEDO, Fernando, MESQUITA, Armindo, BALÇA, Ângela, SILVA, Sara Reis de (coord.). “Globalização na literatura infantil: vozes, rostos e imagens”. NC, Estados Unidos da América. Lulu Entreprises. 2011. [Consult. 15/ 11/ 2014].
<[http://repositorium.sdum.uminho.pt/biststream/1822/18303/1/Global Lit Text.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/biststream/1822/18303/1/Global%20Lit%20Text.pdf)>.

BELLA, John. “A literatura infantil carece de mais incentivos”. In *União dos Escritores Angolanos*. s/d. [Consult. 22/ 09/ 2013].
<<http://www.ueangola.com/noticias/item/1086-literatura-infantil-carece-de-mais-incentivos>>.

CALVET, Louis-Jean. “Trois Espaces Linguistiques face aux Défis de la Mondialisation”. In Table Ronde *Identité et Plurilinguisme*. 2001. [Consult. 18/ 03/ 2012].
<http://www.observatoireplurilinguisme.eu/index.php?option=com_content&task=view&id>.

CAROL, Carolina. “Pedagogia reinventada”. 2011. [Consult.30/10/2014].
<<http://pedagogiareinventada.blogspot.pt/2011/02/literatura-infantil-livros-idade-e.html>>.

“Cem Anos de Literatura, entrevista a Ondjaki”. 2013. [Consult. 15/ 12/ 2013].
<<http://cemanosdeliteratura.blogspot.pt/2013/08/entrevista-o>>.

CHALENDAR, Gérard et Pierrette. “Ondjaki ou l’écriture heureuse”. In *Africultures, le Site et la revue de référence des cultures africaines*. 2008. [Consult. 22/ 12/ 2012]. <www.africultures.com/php/?nav=article&no=7959>.

Dictionnaires de Français Larousse en ligne. (s/d). [Consult. 2014/ 2015].
<<http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/>>.

DOPCKE, Wolfgang. “Há salvação para a África? Thabo Mbecki e seu New Partnership for African Development”. In *Revista Brasileira de Políticas Internacionais*, vol. 45, nº1. 2002. [Consult. 22/ 10/ 2011].
<<http://www.scielo.br/scielo.php?pid>>.

ENSKOG, Dorothée. “La Renaissance Africaine selon Thabo Mbeki”. 11e Crédit Suisse Salon, Zurich. 2013. [Consult. 20/ 11/ 2014]. <<https://www.credituisse.com/pt/en/news-and-expertise/r>>.

“Entretien avec Ondjaki, Écrivain Angolais”. Département de Portugais de l’Université de Toulouse-le-Mirail. 2011. [Consult. 05/ 09/ 2012]. <http://www.canal-u.tv/video/vo_universite_toulouse_le_mirail/entretienavec_ondjaki>.

“Entrevista a Ondjaki - Whithin a Sky Full of Earth: The Blog of Bloom-Creative Network- Investing on natural causes”. 2007. [Consult. 15/ 02/ 2012]. <<http://www.bloomland.blogspot.pt/2007/04/na-minha-rua.html>>.

EVEN-ZOHAR, Itamar. “Polysistem Studies”. In *Poetics Today*. Volume 11, number 1, pp. 9 – 85. 1990. [Consult. 14/ 02/ 2012]. <<http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/ez-pss1990.pdf>>.

FACCINI, Paula de Bastos Cruz. “Oxalá cresçam pitangas: Ondjaki, um cineasta angolano, fala da sua obra”. 2012. [Consult. 29/ 01/ 2013]. <<http://www.encontro2012.historiaoral.org.br>>.

FERNANDES, Maria Celestina. “Surgimento e Desenvolvimento da Literatura Infantil Angolana Pós-independência”. In *União dos Escritores Angolanos*. 2013. [Consult. 29/ 07/ 2013]. <<http://www.ueangola.com/criticas-e-ensaios/item/301-surgimento-e-desenvolvimento-da-literatura-infantil-angolana>>.

FIGUEIREDO, Leonor. “Ondjaki ia à Feira para conhecer os autores”. *Jornal Diário de Notícias*. 2006. [Consult. 12/ 12/ 2011]. <http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=641880>.

FIRMINO, Gregório. “A Situação do Português no Contexto Multilingue de Moçambique”. Universidade Eduardo Mondlane. s/d. [Consult. 28/ 03/ 2014]. <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/mes/06.pdf>>.

“Intervenção cubana em Angola” (2003- 2014). *Infopédia Enciclopédia e Dicionários Porto Editora*. s/d. Porto: Porto Editora. [Consult. 02/ 02/ 2014]. <<http://www.infopedia.pt/Sintervencao-cubana-em-angola>>.

KUKANDA, Vatomene . “Diversidade Linguística em África”. In *Africana Studia*, nº 3, Edição da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2000. [Consult. 28/ 09/ 2012]. <http://www.africanos.eu/ceaup/uploads/A503_101.pdf>.

La Joie de Lire (s/d). [Consult. 28/ 09/ 2011]. <www.lajoiedelire.ch>.

LEIRIA, Isabel. "Português em África/ Português de África?". 2007. [Consult.06/ 03/2014].

<[http://www.catedraportugues.uem.mz/lib/docs/Roma Portugues de Africa.pdf](http://www.catedraportugues.uem.mz/lib/docs/Roma_Portugues_de_Africa.pdf)>.

“Le Petit Prince, Pinocchio: les livres les plus traduits au monde ”. In *Actualité, les univers du livre*. 2015. [Consult. 15/ 05/ 2015]. <<http://www.actualite.com/.../le-petit-prince-pinocchio->>.

“Ler Mais, Ler Melhor. Sugestão de hoje: *A Bicicleta que tinha Bigodes*, de Ondjaki, Editorial Caminho”. Entrevista de Teresa Sampaio a Ondjaki. 2012. [Consult. 02/ 06/ 2013]. <www.youtube.com/watch?v=XUUW7Fs9R80>.

LETRA, Carlos e BORGES, Miguel. *O Mundo da Carochinha*: Fichas de Avaliação Mensal/ 2º ano de Língua Portuguesa. Edições Gailivro. 2011. [Consult. 08/ 10/ 2014]. <<http://pt.scribd.com/doc/132789793/Fichas-de-avaliacao-Portuguesa-2-ano-#scribd>>.

MORGADO, Maria Margarida. “Literatura Infantil”. In E-Dicionário de Termos Literários (EDTL), coord. de Carlos Ceia. 2014. [Consult. 15/ 12/ 2014]. <http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&link_id=927:literatura-infantil&task>.

NOGUEIRA, Carlos. “Literatura infantil: livros sobre livros”. *Revista Lusófona de Educação*. Nº 20. 2012. [Consult. 12/ 02/ 2014]. <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/reeducacao/article/view/2945>>.

ONDALU. “Nós, os do Laban”. *Plural Pluriel Revue des Cultures de Langue Portugaise*. s/d. [Consult.16/ 01/ 2014]. <http://www.pluralpluriel.org7index.php?option=com_content&view=article&id>.

ONDJAKI. *Bonjour Camarades*. Librairie Portugaise & Brésilienne. Livres en français - Littérature Angola. s/d. [Consult. 20/ 06/ 2013]. <<http://www.librairie-portugaise.com>>.

"Ondjaki na Antologia Africa39". 2014. [Consult. 10/ 06/ 2015]. <<http://www.redeangola.info/ondjaki-na-antologia-africa39/>>.

"O valor Económico da Língua Portuguesa". (s/d). [Consult. 03/ 02/ 2014]. <<http://observatorio-lp.sapo.pt/pt/geopolitica/o-valor-economico-da-lingua-portuguesa/>>.

PEREIRA, Dulce. "Crioulos de base lexical portuguesa. História da língua Portuguesa". s/d. [Consult. 04/ 06/ 2013]. <<http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/geografia/crioulosdebaseport.html>>.

PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves, ANTUNES Benedito (orgs.). TURCHI, Maria Zaira. "As Pontes do outro mundo". In *Trança de Histórias: a criação literária de Ana Maria Machado*. São Paulo. Editora UNESP. 2004. [Consult. 28/ 01/ 2015]. <<http://books.google.pt/books?id=cG297yYQNrwC&pg=PA55&lpg>>.

PEREIRA, Sara (org). Alves, Sílvia Maria Teixeira. Congresso Nacional "Literatura, Media e Cidadania". Braga, Universidade do Minho, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. 2011. [Consult. 03/ 08/ 2012]. <<http://www.lasics.uminho.pt/OJS/index.php/lmc/article/download/489/461>>.

PERONI, Caio. "Considerações sobre a tradução: o tradutor literário precisa ser escritor?". *Revista Literatortura*. 2013. [Consult. 08/ 10/ 2014]. <<http://literatortura.com/2013/05consideracoes-sobre-o-tradutor-literario-precisa-ser-escriptor>>.

"Plano de Ação de Lisboa". 2014. [Consult. 18/ 03/ 2015]. <<http://www.conferencialp.org/noticias/184-palis>>.

PRADO, Maria Felisa Rodriguez. "Programa de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa 2013/ 2014". Universidade de Santiago de Compostela. 2013. [Consult. 10/ 04/ 2014].

<<https://www.usc.es/gl/centros/filoloxia/materia.html?materia=8807xano=3>>.

Programa Ler + Plano Nacional de Leitura. s/d. [Consult. 24/ 06/ 2013]. <<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/escolas/programas.php>>.

“Resolução do Plano de Ação de Brasília para a promoção, a difusão e a projeção da língua portuguesa”. s/d. [Consult. 20/ 04/ 2011]. <<http://observatorio.lp.sapo.pt/pt/temas-de-actualidade>>.

RITA. Annabela. “Mise en abîme”. In E-Dicionário de Termos Literários (EDTL), coordenação de Carlos Ceia. 2014. [Consult. 24/ 02/ 2015]. <http://www.edtl.com.pt/index.php?options=com_metree&task=viewlink&link_id=>.

SCHWARTZ, Christian. “Os autores de língua portuguesa no mundo: uma literatura em busca de espaço”. *Gazeta do Povo*. 2012. [Consult. 03/ 02/ 2013]. <<http://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/uma-literatura-em-busca-de-espaco>>.

“Toumani Kouyaté, La Place de la Parole”. Entretien avec Yvette Mbogo. In *Africultures*, le site et la revue de référence des cultures africaines. s/d. [Consult. 25/ 11/ 2013]. <<http://www.africultures.com/php/?nav=article&no=4692>>.

“Tradução de livros ajudará a mostrar a nova Angola- Ministra Rosa Cruz e Silva”. ANGOP - Angola Press. 2013. [Consult. 04/ 12/ 2013]. <http://www.portalangop.co.ao/motix/pt_pt/noticias/lazer-e-cultura/2013/1/7/traducao>.